



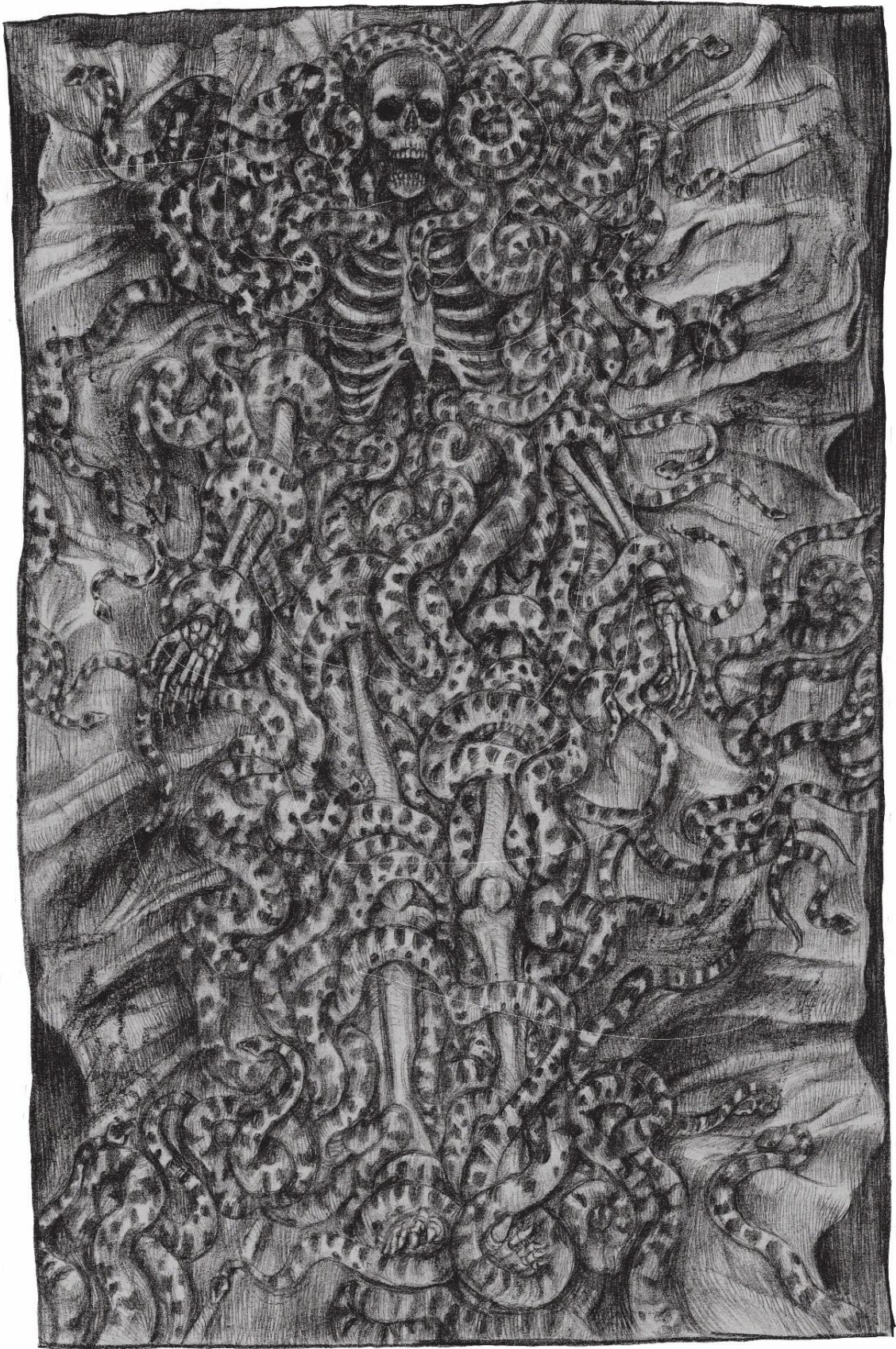
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

# VILIPÊNDIO AO MEU CADÁVER



AUTORREPRESENTAÇÃO GROTESCA E A AUTOFORMAÇÃO  
NO DESENHO

DOUGLAS FIRMINO  
BRASÍLIA | 2017



DOUGLAS FIRMINO



# VILIPÊNDIO AO MEU CADÁVER

## AUTORREPRESENTAÇÃO GROTESCA E A AUTOFORMAÇÃO NO DESENHO

Trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador Prof. Dr. **Luiz Carlos Pinheiro Ferreira**

BRASÍLIA | 2017

## LISTA DE FIGURAS

FIG.1- Lucas Hugensz van Leyden (1489-1533) Detalhe Ornamento Grotesco .....	p.13
FIG.2- Grotesco - Rafael Sanzio .....	p.13
FIG.3- Lúçifer - Franz von Stuck (1863- 1938) .....	p.14
FIG.4- Detalhe do Inferno, do Tríptico o jardim das delicias terrenas Hieronymos Bosch (1450-1516) .....	p.16
FIG.5- Detalhe do Inferno, do Tríptico o jardim das delicias terrenas Hieronymos Bosch (1450-1516) .....	p.17
FIG.6- Ende des Krieges –Alfred Kubbin. (1877- 1959) .....	p.19
FIG.7- Capricho 39 –Francisco Goya. (1746- 1828) .....	p.21
FIG.8- Foto da Cena Criminal de Ed Gein .....	p.26
FIG.9- Memorável Cadáver (Detalhe), Autoria Própria .....	p.29
FIG.10- Memorável Cadáver, Autoria Própria .....	p.30
FIG.11- Aqui também não - Os desastres da Guerra, Francisco Goya. (1746- 1828) .....	p.31
FIG.12- Cabeças Grotescas - Leonardo da Vinci (1452- 1519) .....	p.32
FIG.13- Cabeças Grotescas - Leonardo da Vinci (1452- 1519) .....	p.33
FIG.14- Detalhe da história :As aventuras de Crumb em pessoa, Robert Crumb (1943) .....	p.34
FIG.15- Capa do Minha Vida, Robert Crumb (1943) .....	p.35
FIG.16- Dissecção 1, Autoria própria .....	p.41
FIG.17- Pôster do Predator, filme de 1987 .....	p.43
FIG.18- Cena do filme Predator de 1987 .....	p.44
FIG.19- Cena do filme Predator de 1987 .....	p.45
FIG.20- Desenho feito na Parede , autoria própria em 2002 .....	p.46
FIG.21-Dissecção 2 – Autoria própria – 2014 .....	p.48
FIG.22- Dissecção 3 – Autoria Própria 2014 .....	p.51
FIG.23- E-mail recebido .....	p.53
FIG.24- Cara de Cavalo página 1- Autoria própria – 2013 .....	p.54
FIG.25- Cara de Cavalo página 2- Autoria própria – 2013 .....	p.55
FIG.26- Retratos da Desgraça- Autoria própria – 2013 .....	p.56
FIG.27- Meu câncer- Autoria própria – 2016 .....	p.58

FIG.28- Dissecção 5 - Autoria própria – 2014 .....	p.60
FIG.29- Pesadelos – Seus olhos são cegos, mas podem ver - Autoria própria – 2017 ...	p.66
FIG.30- Pesadelos – Lembro da tristeza em seu olhar ao se despedir do mar- Autoria própria – 2017 .....	p.67
FIG.31- Pesadelos -Silêncio. Minhas falhas são suas Feridas- Autoria própria – 2017 ..	p.68
FIG.32- Pesadelos - O sussurro da depressão produz monstros- Autoria própria – 2017.....	p.69
FIG.33- Pesadelos – A Questão- Autoria própria – 2017 .....	p.70
FIG.34- Pesadelos – Eu e vc, vc e eu- Autoria própria – 2017 .....	p.71
FIG.35- Pesadelos – Gatos e o Azar - Autoria própria – 2017 .....	p.72
FIG.36- Pesadelos – Possessão do medo - Autoria própria – 2017 .....	p.73
FIG.37- Pesadelos – Ritual as três horas da manhã - Autoria própria – 2017 .....	p.74
FIG.38- Pesadelos – Bruxa das Cobras - Autoria própria – 2017 .....	p.75
FIG.39- O Bruxo e as Cobras - Autoria própria – 2017 .....	p.76
FIG.40- Pesadelos – A trepa - Autoria própria – 2017 .....	p.77
FIG.41- Brigas na rua, brigas no bar. To bebendo e fumando vendo minha vida acabar- Autoria própria – 2017 .....	p.78
FIG.42- Agonia prelúdio do estupro- Autoria própria – 2017 .....	p.79
FIG.43- Pesadelos – O estupro - Autoria própria – 2017 .....	p.80
FIG. 44- Pesadelos – Funeral de Serpentes - Autoria própria – 2017 .....	p.81
FIG. 45- Mapa conceitual- Autoria própria – 2017 .....	p.85

## SUMÁRIO

RESUMO	
INTRODUÇÃO .....	7
NASCIMENTO .....	9
1 . CONCEPÇÕES SOBRE O GROTESCO .....	10
1.1 MONSTRUOSIDADE DO GROTESCO .....	15
1.2 NÁUSEAS E VÔMITOS: NOVOS SINTOMAS DO GROTESCO .....	18
EXPURGO .....	23
2 . A NARRATIVA DO DESENHO E A AUTOFORMAÇÃO .....	24
2.1 A CRIAÇÃO POR UMA MENTE CRIMINAL .....	24
2.2 A POÉTICA PESSOAL .....	27
DISSECAÇÃO .....	37
3 . A AUTOFORMAÇÃO .....	38
3.1 PRIMEIRAS QUEDAS .....	42
3.2 O MEDO DA CAVERNA .....	49
3.3 A UNIVERSIDADE .....	51
3.4 MEU CÂNCER .....	57
RESQUÍCIO .....	61
4 . NOTAS PARA COMPREENDER A SI MESMO .....	62
4.1 PESADELOS .....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	83
ANEXOS .....	85

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho direciono meu olhar para acontecimentos e recordações que determinaram meu processo de autoformação<sup>1</sup> ao longo das minhas experiências com a linguagem do desenho. Tanto os acontecimentos presentes no cotidiano como as recordações da infância foram decisivos para desvelar uma linguagem poética, sobretudo, para compreender questões íntimas e subjetivas acerca da minha existência. Conseqüentemente, percebi que determinadas questões de foro íntimo e subjetivo estavam alicerçadas com uma concepção do Grotesco. Nesse sentido, apresento um breve panorama do desenvolvimento do termo e suas percepções, justamente para esclarecer a importância que o conceito de grotesco exerce sobre o meu trabalho como artista.

Apresento no decorrer da pesquisa, o processo de autoformação a partir do desenho como um motivador empírico. Esse processo contaminou minha vivência de modo intenso, permitindo que o meu modo de olhar e perceber o cotidiano fosse um termômetro para o desenvolvimento de uma linguagem poética não compreendida, especialmente pelos meus familiares. Durante minhas experiências e reflexões sobre o meu cotidiano, no contexto de um universo concentrado em ambientes marginalizados, ou mesmo, inserido por entretenimentos banais de uma vida de adolescente, senti a necessidade de estabelecer pontes para desenvolver uma percepção diferente sobre o mundo. Essas pontes estabeleceram conexões com universos paralelos, sobretudo, aqueles que apresentavam uma realidade suja, exótica, escondida, camuflada e muitas vezes ignorada pelos demais sujeitos. No entanto, foi justamente a percepção dessa realidade, permeada por diferentes imagens e contextos que chamou minha atenção para pensar sobre a vida e a existência.

Nessa perspectiva, o trabalho de pesquisa foi dividido em tópicos que trazem algumas narrativas alegóricas, denunciando um modo particular de olhar para o mundo e para si mesmo. Como uma tentativa de compreender o meu processo autoformativo a partir

---

<sup>1</sup> O conceito de autoformação na minha pesquisa, segue a perspectiva do autor Pascal Galvani que diz: "A autoformação não é concebida aqui como um processo isolado. Não se trata da egoformação propalada por uma visão individualista. A autoformação é um componente da formação considerada como um processo tripolar, pilotado por três pólos principais: si (autoformação), os outros (heteroformação), as coisas (ecoformação) (2002, p.96)

de um caminho metodológico que contemplou aspectos da experiência vivida na época da infância, de fatos cotidianos que marcaram minha formação subjetiva e, também, de fatores relacionados com o próprio processo do desenho, como um catalisador de si mesmo, que em determinado momento precisou ser expurgado, evidenciado e compreendido. Penso que a experiência provocada pela oportunidade desta pesquisa, onde o desenho aconteceu também pela escrita do texto, no sentido de desvelar sentimentos e emoções, foi de extrema relevância para compreender o potencial de um aprendizado artístico e autônomo.

Acredito que a fagulha definitiva que impulsionou a realização deste trabalho foi o desejo de investigar como o desenho catalisou minha autoformação. Compreender como a linguagem do desenho é importante para que o sujeito possa lidar com suas experiências traumáticas de modo construtivo, rompendo os paradigmas que são estabelecidos sobre determinados modos de ver, pensar, sentir e representar o mundo e a si mesmo.

O trabalho foi dividido nos seguintes tópicos:

**NASCIMENTO** – Apresento nesse capítulo as concepções do conceito de Grotesco, desde o surgimento do termo e suas nuances com o passar do tempo, explanando sobre o grotesco Onírico e Satírico e relaciono a importância desse conceito com minha produção artística

**EXPURGO** – Nesse capítulo, fundamento experiências cotidianas com o desenvolvimento de uma poética pessoal, usando a narrativa como recurso para compreender meu processo autoformativo. Desse modo, amplio minha compreensão sobre o ato do expurgo e construo uma relação desse ato com determinados artistas que são referências para minha autoformação.

**DISSECAÇÃO** – Nessa parte utilizo como recurso metodológico uma narrativa alegórica, anunciando um ato de autorrepresentação grotesca, que compreende um olhar sobre si mesmo a partir de rastros de memórias. Um olhar que acontece mediante um processo de autorreflexão, onde sou o agressor e a vítima dos meus próprios medos.

**RESQUÍCIO** – Aponto os aspectos do meu processo criativo e enfatizo a importância da produção dos desenhos para o desenvolvimento dessa pesquisa.



# NASCIMENTO



## 1- CONCEPÇÕES SOBRE O GROTESCO

Quando me lembro de fatos passados, sempre me deparo com lembranças estranhas envolvendo meu hábito de desenhar, inclusive quando mostrava algum dos meus desenhos para amigos, pais ou parentes, as expressões de horror e estranhamento logo ornamentava a face do observador, após o espanto surgia a enxurrada de palavras que desqualificava o que tinha desenhado. O feio, estranho, bizarro, horrível, monstruoso e várias outras palavras similares eram pronunciadas com frequência para insultar meus trabalhos. Havia um questionamento frequente para saber minhas motivações para criar essas imagens com aspectos monstruosos, que eram e ainda são recorrentes no meu desenho. Compreender o porquê da repugnância das pessoas por esses assuntos sempre foi uma questão em minha mente desde a época de infância. Ficar horas imaginando cenas e construindo narrativas sinistras era algo fascinante e continua sendo até hoje. Será um impulso interno inexplicável? Não sei realmente dizer, sempre que reflito sobre essa questão, me vejo enclausurado em um quarto escuro.

O tempo passou e as palavras de repugnância se acumularam sobre meus desenhos, mas foi no começo da graduação que um novo termo surgiu para clarear este cômodo escuro que residia em minha lembrança. O Grotesco me foi revelado como uma chama fraca e amarelada que desvelava os sintomas e as feridas sobre meu corpo e mente. Foi percebido que ele era a peste que contaminou minha produção imagética desde o princípio. Nesse sentido, trago como alicerce central para minha pesquisa os pensamentos de Wolfgang Kayser (2013) autor do livro *O Grotesco, configuração na pintura e na literatura*.

Nesse sentido, entendi que o grotesco tem como hábito, residir em lugares obscuros se mantendo em segredo, omitindo sua face, expondo apenas os sintomas de sua enfermidade de maneira evidente, como chagas que fervilham e espumam emanando seu aspecto contagioso pelo ar, manifestando suas características pestilentas aos observadores de um corpo que apodrece em vida. Segundo Vitor Hugo (2002, p. 26) “Sentirá que tudo na criação não é humanamente belo, que o feio existe ao lado do belo, o disforme perto do gracioso, o grotesco no reverso do sublime, o mal com o bem, a sombra com a luz”. A partir dessa leitura percebi que minha criação residia em um ponto específico determinado por mim. Que o feio, estranho, bizarro, horrível e

monstruoso representava o meu universo, minhas narrativas e conseqüentemente constituía meu processo autoformativo.

O grotesco é uma aparição evidente desde o princípio, sua existência foi despercebida. No entanto, ao receber sua nomeação ele pode ser invocado, comentado e analisado. Nessa perspectiva, o grotesco foi desvelado na Itália no século XV.

A “Grottesca”, isto é grotesco, e os vocábulos correspondentes em outras línguas são empréstimos tomados do italiano. *La Grottesca* e *Grottesco*, como derivações de *Grotta* (Gruta), foram palavras cunhadas para designar determinada espécie de ornamentação, encontrada em fins do século XV, no decurso de escavações feitas primeiro em Roma e depois outra região da Itália. (KAYSER, 2003, p.17)

A espécie de pintura reveladas nessas ornamentações se diferenciam de tudo que existia na época. As imagens rompiam com a organização natural dos elementos do mundo real, nos ditos ornamentos grotescos as leis da natureza não revigoravam como força maior, dando ao pintor total liberdade para transgredir<sup>2</sup> as forças naturais que rege sobre nós. Variados tipos de seres habitam nos ornamentos, tendo em si característica singulares que os determinam de forma diferenciada nesse período, a semelhança com a fiel representação das criaturas da realidade já não é uma preocupação para os artistas que produzem ornamentações grottescas. Os seres representados não partiam de uma organização lógica, essas criaturas não eram imaginadas como seres de um mundo paralelo, eram somente figuras ornamentais, pintadas sem preocupações de como o organismo de um híbrido irá funcionar ou que tipo de mundo essa criatura vai pertencer. Segundo Eduardo Belga (2011, p.22):

A representação dos seres como ocorre na terra não convém, o homem tem seu quadril substituído por um botão de flor, independente da sua sustentabilidade no mundo real. É como se deixasse de lado essas aspirações de fidelidade conceitual sem abandonar o cuidado representacional, mas com um sentido alheado. Não procura fazer sentido, afinal essas formas não precisam mesmo existir biológica ou fisicamente.

---

<sup>2</sup> Essa transgressão remete as ordens físicas do mundo real, onde um castelo não pode existir nas nuvens como nas fábulas. Não há preocupação com as diversas leis da natureza como: gravidade, luz e sombra ou funções biológicas.

Outra leitura determinante para compreender o meu processo de representação do mundo foi o estudo de Belga (2011, p. 25), sobretudo pelos apontamentos sobre a “representação cômica, caricaturesca e satírica” associada com o grotesco.

Os ornamentos grotescos expandiram o campo de possibilidades aos artistas da época, soltando as algemas das regras e compreensões naturais, proporcionando uma autonomia de representar através da pintura ornamental, novos estímulos de criação imagética (Figura 2). Até essa ocasião a palavra grotesco, somente nomeava esse estilo de ornamentação.

Na palavra Grottesco, como designação de uma determinada arte ornamental, estimulada pela antiguidade, havia para a Renascença não apenas algo lúdico e alegre, leve e fantasioso, mas concomitantemente, algo angustiante e sinistro em face de um mundo em que as ordenações de nossa realidade estavam suspensas: Ou seja; A clara separação entre os domínios dos utensílios das plantas, dos animais e dos homens, bem como da estática, da simetria, da ordem natural das grandezas. (KAYSER, 2003, p.20)

A peste do grotesco se fortalece conforme o tempo passa e seu potencial contagioso se eleva, alastrando seus sintomas e disseminando sua nova característica infecciosa que contamina os corpos de novos hospedeiros. O que era um mero substantivo e nomeava um estilo determinado de ornamentação, agora se transforma em um adjetivo e passa a atribuir as características de seus sintomas a tudo que toca, o grotesco deixa de ser uma coisa única. Ele agora é bem maior do que um estilo de ornamento, agora ele tem em si uma carga de atributos que estipula se algo é grotesco ou não. Kayser (2003, p.24) diz que: “O monstruoso, constituído justamente da mistura dos domínios, assim como, concomitantemente, o desordenado e o desproporcional surgem como características do grotesco num documento antigo da língua francesa”. As aparições dessas características com formulações monstruosas e disformes, rompendo as ordens naturais na construção de cenas bestiais passam a ser notadas e chanceladas como coisas grotescas



Figura 1- Lucas Hugensz van Leyden (1489-1533) Detalhe Ornamento Grotresco. Site: <http://visual-akermariano.blogspot.com.br/2014/03/european-ornamental-prints.html>. Acesso em 10/06/2017



Figura 2 - Grotresco - Rafael Sanzio - Site: [https://lh5.googleusercontent.com/-IPREqLUGFE/Ty5fe2vfVII/AAAAAAAAAWho/peneUxUI-3k/s800/rafael\\_grotresco.jpg](https://lh5.googleusercontent.com/-IPREqLUGFE/Ty5fe2vfVII/AAAAAAAAAWho/peneUxUI-3k/s800/rafael_grotresco.jpg). Acesso em 04/11/2015

O potencial da palavra grotesco se eleva e rompe uma nova barreira, ela deixa de ser somente um âmbito exclusivo das artes visuais e passa a ter também um lugar no domínio da literatura.

A aplicação que Montaigne faz do vocábulo surpreendente por que começa a transladar a palavra, ou seja, a passa-la do domínio das artes plásticas ao da literatura. Para tanto pressuposto é que ele dê um caráter abstrato ao vocábulo, convertendo-o em um conceito estilístico. (KAYSER, 2003, p.24)

Ao transitar pelo âmbito literário o grotesco se transforma em algo bem mais potente do que antes. As suas características são empregadas por escritores do século XVII. Nesse período romântico o grotesco recebe atributos como o sinistro, o obscuro e o dramático. Também é perceptível essas novas características na formulação imagética do século XIX. O pintor alemão Franz von Stuck tem em suas obras, representações satisfatórias do estilo grotesco exercendo suas novas características (Figura 3).



Figura 3- Lúcido - Franz von Stuck (1863- 1938) Disponível em: <http://static.seattletimes.com/wp-content/uploads/2013/11/2022261236.jpg> Acesso em: 4/11/2015

A representação de Lúcifer não é mais uma criatura feia e horrenda que ao primeiro contato revela toda sua monstruosidade diabólica que o distingue das demais criações divinas. O Lúcifer agora tem a aparência humana com aspectos idênticos aos nossos, que demonstra qualidades dramáticas da semelhança do homem com o monstro. Essa relação entre o homem e sua semelhança com o príncipe das trevas é um ponto na qual o grotesco está cada dia mais inserido em nosso contexto. Até o mais fervoroso e fiel cristão tem em sua aparência traços semelhantes aos da criatura rebelde e maléfica ali representada pela pintura de Von Stuck, com a expressão em frangalhos após a queda das moradas celestiais, acomodado em uma cena obscura onde o rei dos infernos reside para observar com olhar obsessivo e opressor, todos os humanos que passarão na frente da obra. O poder de exercer nos observadores uma reflexão sobre a semelhança entre os homens e criatura infernal, demonstra como a potência do feio, do mal e do sinistro está imersa em nossas vidas. Essas novas características se diferenciam em tudo das antigas representações dos seres infernais, que eram bastante fantasiosas, fazendo com que os novos atributos do grotesco, não se manifestem com êxito. Segundo Kayser (2013, p. 70) “Por mais vaga que possa ser esta mitologia infernal, o grotesco perde algo do seu caráter sinistro”.

## 1.1- MONSTRUOSIDADES DO GROTESCO

Antes do estilo grotesco se revelar, os monstros já eram seres existentes na imaginação humana. A monstruosidade tornou-se um dos principais atributos do grotesco. Qual a importância dessas criaturas que servem cegamente os caminhos malignos? O que seria realmente o mal? O conceito de mal é algo bastante soterrado, que se camufla em um ambiente obscuro dentro das camadas mais profundas da humanidade. Sobre a questão, Jeha (2007, p. 10) enfatiza que:

Porém, como chegar a um conceito filosófico de mal se os próprios filósofos falam dele como um enigma, como um mistério impenetrável? Agostinho se debateu com o problema do mal e propôs que é uma privação do bem e, como tal, só pode ter uma não-existência

Nesse sentido, então, todas as ações exercidas sem intenções bondosas é um tipo de manifestação do mal? É difícil responder essa questão. Já a teologia cristã fundamenta o conceito do mal em duas vertentes.

As duas respostas mais comuns ao mal são a da moralidade e a da sabedoria. A moralidade vê os seres humanos como agentes cômicos do

mal; a sabedoria, ao contrário, “nos caracteriza como respondendo inadvertidamente a ameaças à nossa auto-identidade. (JEHA, 2007, p. 13)

Existe uma diferença entre essas duas vertentes, a moralidade tem o foco nas ações. Já a sabedoria foca na constituição do conhecimento ou na corrupção da essência do conhecimento. Esses preceitos estipulados pela Santa Sé, regia sobre todos, incluindo os artistas.

Os híbridos representados nos ornamentos grotescos são criaturas bizarras que pertence somente aquele ambiente. A moralidade cristã que predomina no século XV, com grande força restringia em partes a expressão dos artistas. A igreja era o grande mecenas daquele período, encomendando vários trabalhos a diversos artistas, a instituição cristã estipulava os padrões que deviam seguidos na produção da obra e isso delimitava a criatividade dos artistas escolhidos. O deleite da liberdade para o artista era em encomendas onde existia a possibilidade de retratar as moradas infernais. Era quando as amarras da moralidade religiosa se afrouxavam, dando ao artista total liberdade para imaginar e expressar cenas e seres pecaminosos, difundindo o prazer da carne, retratando os desejos humanos. Hieronymos Bosch (1450-1516) é um desses exemplos (Figura 5).

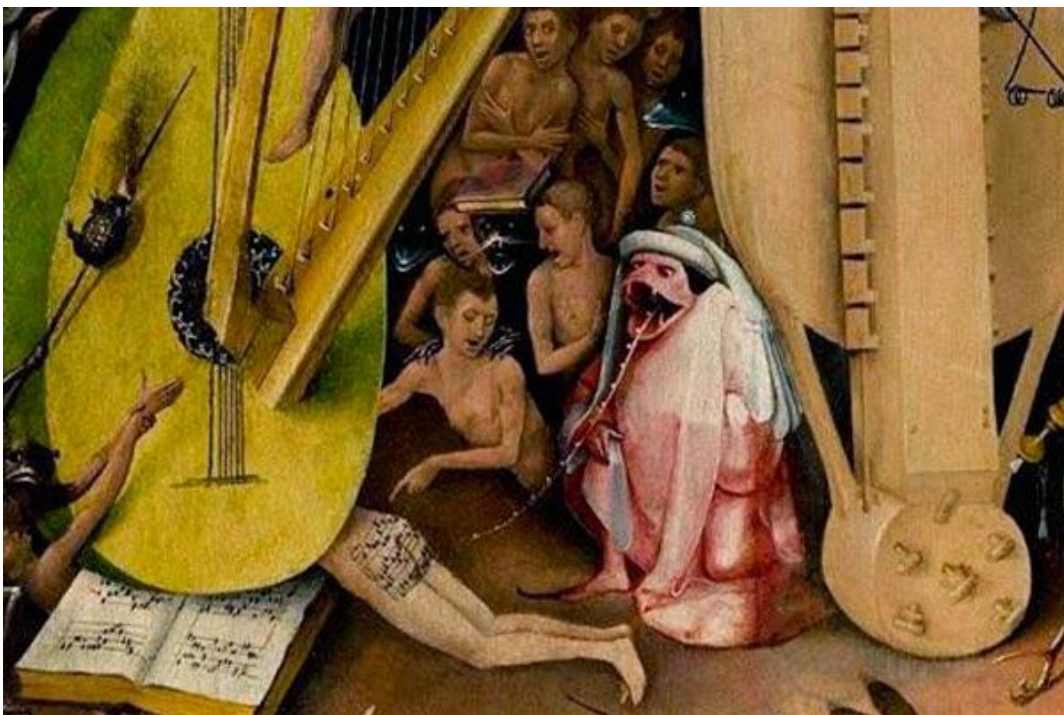


Figura 4- Detalhe do Inferno, do Tríptico o jardim das delicias terrenas Hieronymos Bosch (1450-1516)  
Disponível em : <http://revolucoestobiaticas.blogspot.com.br/2015/01/musica-escondida-no-jardim-das-delicias.html>.  
Acesso em 10/06/2017





Figura 5- Detalhe do Inferno, do Tríptico o jardim das delicias terrenas Hieronymos Bosch (1450-1516)  
Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c8/Hieronymus\\_Bosch\\_040.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c8/Hieronymus_Bosch_040.jpg). Acesso em 06/11/2015

Os monstros que compõem a imagem do inferno, são formulações imagéticas para advertir o observador sobre a penitência que merece os homens pecaminosos. Segundo Belga (2011, p. 23), ao ressaltar que:

Se no grotesco ornamental tínhamos o híbrido para fins do simples adorno, Bosch avança no uso dessa mistura para plasmar histórias bíblicas fantásticas e ilustrar condenações, o grotesco em Bosch passa a ter também uma função simbólica.

Bosch constrói os habitantes das terras infernais, com aspectos que nada se assemelham aos humanos condenados, essas criaturas recebem do artista um ambiente para existir e funções a serem cumpridas. No inferno de Bosch o homem é apenas a vítima de sua condenação terrena. Um ponto notável sobre minha percepção da imagem, refere-se que nesse âmbito infernal o homem não é o torturador do próprio homem como nos tempos atuais.

Os monstros se modificaram e passaram a se parecer mais com elementos da realidade. Agora os monstros caminham dentre os homens, onde sua aparência não os denuncia, o que aumenta o perigo para as pessoas que lhe rodeiam. Eles planejam e arquitetam momentos de dor e horror para suas vítimas nos ambientes mais tenebrosos de suas mentes, uma espécie de esconderijo perfeito.

Nos tempos atuais os monstros ainda anda entre nós reinterpretados como serial killer, molestadores de crianças, capitalistas globais, criaturas dos quadrinhos dos anos 1950, letras demoniacamente sexuais enterradas em música de rock dos anos 1960, terroristas na década de 1990 e além dela. (COALE, 2004, apud JEHA, 2007, p. 103)

Os estímulos do medo continuam a gerar seres monstruosos na imaginação humana. A formação de criaturas subordinadas a carregar em suas costas o peso de nossas manifestações malignas. Nós humanos não conseguimos aceitar a existência de um lado sujo e sombrio que transmite um prazer doentio. Criamos os monstros para receber os créditos dos atos irracionais que exercemos, fugindo da responsabilidade de modo covarde.

## 1.2- NÁUSEAS E VÔMITOS: NOVOS SINTOMAS DO GROTESCO

Com o passar do tempo os sintomas da enfermidade são reconhecidos através das características que se manifestam sobre os corpos infectados, o vírus do grotesco passa a ter seus sintomas examinados no período moderno e duas novas vertentes se mostram existentes dentro desse agente patológico: do Onírico e do Satírico<sup>3</sup>.

O Onírico é uma relação individual do sujeito com seu imaginário, pesadelos e traumas que alimentam a concepção de fantasias abissais, construindo mundos estranhos que

---

<sup>3</sup> Os conceitos de Onírico e Satírico surgiram a partir da minha interpretação sobre os escritos do Kayser, na leituras do Capítulo 5 – O Grotesco na Época Moderna, no tópico 7, onde aborda o grotesco na Arte gráfica.

são habitados pelas formulações dos mais profundos medos. Essas criaturas são supridas pela fragilidade enraizada em âmbitos submersos dentro de nós, que dão vida a esses seres horrendos de comportamento bizarro. São verdadeiras obras de nossa mente, fomentada pelo combustível do horror, segundo Kayser (2013, p. 144):

Os seus sinistros mundos oníricos apresentam –se povoados de esqueletos estalejantes, entes radicais rastejantes, monstros ameaçadores e animais fantásticos (serpentes e morcegos podem, por assim dizer, ser tomados imediatamente da realidade, embora com proporções distorcidas).

Ao criar esses ambientes onde o grotesco onírico orchestra diversas situações repulsivas é um ato comum a qualquer indivíduo racional vivo. O abraço frio do medo que sufoca a imaginação exprime um suco de horror que afoga o ser em imagens estranhas. Quem nunca teve sonhos com representações não compreensíveis, ou situações de temor, animais monstruosos que buscam satisfazer os seus desejos malignos nos perseguindo.



Figura 6- Ende des Krieges –Alfred Kubin. (1877- 1959) Disponível em: [http://cultura.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/alfred-kubin-2/Alfred\\_Kubin\\_Das\\_Ende\\_des\\_Krieges\\_3.jpg](http://cultura.culturamix.com/blog/wp-content/gallery/alfred-kubin-2/Alfred_Kubin_Das_Ende_des_Krieges_3.jpg). Acesso em: 17/04/2017

Essa imagem (Figura 6) foi criada por um dos grandes mestres do grotesco Onírico, Alfred Kubin, demonstra em suas obras uma relação com seus traumas e façanhas diabólicas que sua vida proporcionou. O Isolamento e o mergulho em si é claro ao ver

seus trabalhos. A figura acima me remete pessoalmente pela sua relação com a tentativa de suicídio na frente do túmulo de sua mãe. Kubbin não consegue dar cabo da sua existência. Essa imagem mostra a forma primal da estrutura humana derrubada sobre um rochedo em lamentações. Na minha percepção da imagem, o aspecto da agonia da sua razão é fortemente perceptível pela expressão dos ossos e sobre o crânio uma coroa de louros que demonstra a importância que essa agonia exerce sobre sua estrutura. Aquilo que é o combustível para sua autodestruição é também o que proporciona através do seu trabalho a criação de seus universos abissais que estão presentes em sua obra.

O Satírico vem da observação crítica daquilo que está no contexto do indivíduo, ridicularizando e alfinetando as estruturas de modo agressivo. É um ponto onde a reflexão pessoal sobre aquilo que lhe rodeia é mais intensa, vendo que as coisas não são tão perfeitas como todas as pessoas acham. O comportamento dos semelhantes que de alguma forma demonstra uma repulsa para nós. O grotesco satírico representa o lado podre do mundo, construído por nós sobre as leis da ganância, fome e guerras e muitos outros comportamentos monstruosos são manifestados pelas mãos humanas manchadas pelo sangue de chacinas, rebeliões e estupros. Todos os dias jornais nos banham com uma enxurrada de sangue enquanto estamos nos alimentando na mesa. A sede mental pelo sangue é saciada pelo sensacionalismo. O fascínio pela destruição do próximo e por ter um comportamento opressor de se pautar superior aos demais é bem comum sobre todos nós.

Essa representação do grotesco é bastante comum nos dias de hoje através dos meios de informação acelerados. Na contemporaneidade muitos buscam questionar essas estruturas, satirizar é um dos meios mais recorrentes onde as desfigurações das caricaturas, ou as piadas de mal gosto ou até mesmo os famosos MEMES que circulam na internet. O olhar satírico aponta a impureza dos nossos semelhantes e também sobre nós, entender que não somos seres elevados, mais sim animais monstruosos, aberrações de uma natureza onde não existe a perfeição.

O grotesco nos mostra que ilusão da moralidade, ou da perfeição são concepções cegas daqueles que não conseguem se aceitar como indivíduos podres, contaminados pelas chagas de comportamentos estranhos e atitudes bizarras.

Esses dois caminhos podem ser trilhados ao mesmo tempo, levando o indivíduo a construir uma reflexão sobre os preceitos pessoais e o contexto que lhe rodeia. No processo de autoformação é importante analisar e compreender o mundo fora dos padrões ilusórios. A formação de um cidadão exemplar para uma sociedade exemplar que nunca existiu é uma mentira estipulada, para que os padrões sejam mantidos e não questionados. O medo do diferente é algo que se mantém na sociedade, os olhares conduzidos por rédeas são existentes desde os primórdios da nossa existência.



Figura 7- Capricho 39 –Francisco Goya. (1746- 1828) Disponível em [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c5/Museo del Prado - Goya - Caprichos - No. 39 - Asta su Abuelo.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c5/Museo_del_Prado_-_Goya_-_Caprichos_-_No._39_-_Asta_su_Abuelo.jpg) Acesso em: 17/04/2017

Finalizo nesse capítulo minhas concepções sobre o grotesco com contemplação de umas das críticas satíricas e oníricas do mestre gravurista Francisco Goya (Figura 7), sobre o comportamento social dos iluminados pelo saber em sua época. Entendo que

com passar do tempo poucas coisas se transformaram sobre nós indivíduos ditos monstruosamente civilizados, aberrações da perfeição, mentirosos educados e amaldiçoados pela razão. Segundo Todorov (2014, p. 84), “as vítimas de fantasmas e bruxas, faces atribuídas às nossas paixões, não são os outros, pessoas incultas, mas o próprio pintor e (talvez) seus espectadores; ademais, esses fantasmas têm um rosto familiar: o de cada um de nós”.

# EXPURGO



## 2- A NARRATIVA DO DESENHO E A AUTOFORMAÇÃO.

Desde sempre nós humanos deixamos rastros por onde passamos, sejam eles naturais ou intencionais. Os rastros sinalizam trânsito de semelhantes pela imensa crosta terrestre. Ao olharmos para nossos antepassados é possível notar que o ato de marcar as paredes das cavernas de Lascaux, por exemplo, remetia ao expurgo da essência do desejo de obter o poder para conquistar a caça desejada. Esse expurgo representa uma manifestação através das sensações e sentimentos internos que potencializa o ato da expressão. No campo da história da arte é possível perceber que diversos artistas exprimiram as sensações mais estranhas do seu cotidiano como subsídios para formulação de suas obras.

Essas sensações estranhas presentes no cotidiano, evidenciam um tipo de ciclo-recorrente, no qual acontecimentos emanam uma substância corrosiva, que adere a mente do artista e contagia seus pensamentos, sufocando-o de maneira intensa, gerando a necessidade do expurgo como ato pelo qual ele escarra é mostra para o mundo o tipo de infecção a qual ele foi submetido.

### 2.1- A CRIAÇÃO POR UMA MENTE CRIMINAL

Para enriquecer os apontamentos, apresento um caso contemporâneo bastante influente em minha produção. O caso de Edward Theodore Gein, que ocorreu em 16 de novembro de 1957, em uma cidade de interior do Estados Unidos chamada Plainfield. A polícia local estava investigando o desaparecimento de Bernice Worden, uma mulher de sessenta anos. Edward Gein, mais conhecido na cidade pelo apelido de Ed. Ele é um dos nomes na lista de suspeitos. Para os oficiais torna-se difícil acreditar que uma pessoa de personalidade frágil como Ed teria a capacidade de estar envolvido nesse caso. Ed Gein era um homem trabalhador, sempre fazia serviços auxiliares, tinha uma vida bastante sofrida, marcada por diversas situações traumáticas. Ele vivia sozinho em uma fazenda isolada nas redondezas da cidade.

Os agentes vão até o local, Ed não foi encontrado em sua casa. Ele estaria jantando com amigos que moravam próximo a sua fazenda. O xerife, ao encontrar Ed, decide fazer uma abordagem.

O xerife Schley o abordou e pediu que entrasse no carro da polícia onde responderia algumas perguntas. Gein reagiu mal. Respondeu como alguém poderia querer culpá-lo do assassinato de Bernice Worden. Foi preso imediatamente: ninguém havia mencionado ainda a morte de Bernice, mesmo



porque ainda não sabiam o que havia acontecido. Já preso, Gein foi conduzido de volta para a sua fazenda. (CASOY, 2004, p.77)

Os agentes então, iniciaram a busca na fazenda, o local estava em estado deplorável, não havia iluminação. A escuridão e a névoa constituíam ambiente estranho, um clima macabro se alastrava contagiando os presentes. O celeiro foi escolhido como o primeiro local a ser averiguado, envolto pelo breu e o cheiro de putrefação que se manifestava de maneira rigorosa, compondo uma atmosfera quase insuportável, o uso de lanternas era fundamental e a busca continuava. Foi percebido uma bagunça descomunal, livros de anatomia e diversas revistas no ambiente, evidenciando que Gein

Começou a desenvolver um profundo interesse pela anatomia feminina. Estudava o assunto em enciclopédias médicas, livros de anatomia, romances de horror e revistas pornográficas. Ed interessou-se principalmente pelas atrocidades cometidas pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, e nos experimentos impingidos aos judeus nos campos de concentração. (CASOY, 2004, p.75)

Diversas ferramentas, caixas, resíduos se amontoavam construindo um cenário tétrico. Os agentes transitavam pelo velho celeiro, presenciando elementos bizarros, como ganchos de açougue, lâminas e ferramentas gastas pelo uso constante. O clima ficava cada vez mais estranho sobre quem realmente era Ed Gein. Logo se depararam com uma cena tão macabra que por muitas vezes fico me imaginando como seria estar no lugar desses agentes, ao perceberem um feixe de luz da lanterna transitar pelo breu revelando pequenas porções de diversas coisas desvalorizadas e corroídas pelo tempo, quando sem prévio aviso foi revelado um corpo decapitado pendurado pelos pés em um gancho de açougue de cabeça para baixo, como se fosse um animal de caça abatido. Um corpo feminino totalmente nu, com uma abertura na região frontal imensa que marcava desde a vagina até o tórax, as vísceras não estavam mais no cadáver (Figura 8). “Sua cabeça e intestinos foram descobertos em uma caixa, seu coração em um prato sobre a mesa da sala de jantar, além de outras partes que cozinhavam numa panela sobre o fogão” (CASOY, 2004, p.78).

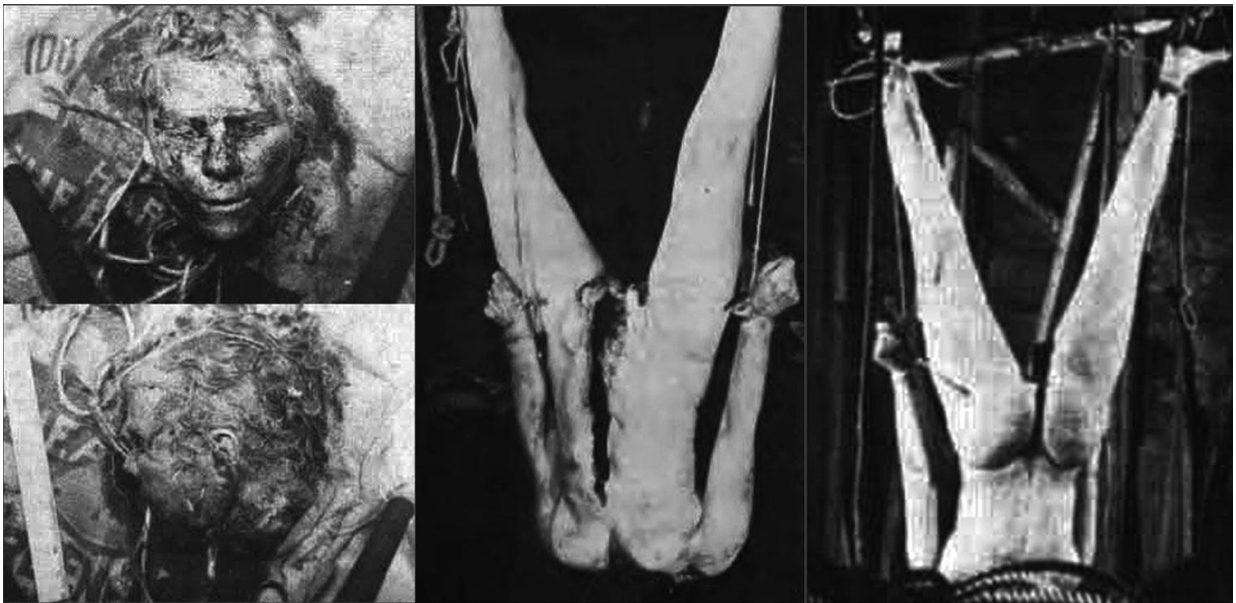


Figura 8 - Foto da Cena Criminal de Ed Gein.- Disponível em: <http://crimescenedb.com/images/geinvictim01-full.jpg>. Acesso em 12/11/2015

Era corpo de Bernice Worden. Ed Gein tinha o hábito de remover cadáveres do cemitério e agora era um assassino, ele usava partes dos corpos para criar seus objetos de cobiças, como uma poltrona encapada com pele de faces humanas, uma tigela feita com crânio onde ele fazia suas refeições, entre diversos objetos fabricados por suas mãos, o mais especial é uma roupa feminina feita com retalhos de pele de várias mulheres, unidos por uma costura artesanal. Ao colocar sua vestimenta, Gein se transmutava mostrando ao mundo a forma como ele se via. Ed morreu no dia 26 de julho de 1984, vítima de uma falha cardiorrespiratória, no hospital Mendota Mental Health Institute.

O caso<sup>4</sup> de Ed Gein gerou uma situação de terror e incomodo espantosa, elucidando ao mundo o mito do serial killer contemporâneo, um monstro que habitava na pele humana, com a aparência fragilizada, ou de uma beleza encantadora. As vezes até mesmo pessoas exemplares nos enganam, esperando o momento oportuno para revelar sua besta interna e encurralar sua vítima.

---

<sup>4</sup> Ao trazer este caso friso sobre a existência de outros detalhes que compõem o caso, esses detalhes podem ser encontrados no livro *Serial Killer – Louco ou Cruel* da autora Ilana Casoy publicado no ano de 2004 pela editora WVC.

Os atos de Gein impactou a sociedade, de maneira diferenciada, instigando a curiosidade de várias pessoas, influenciando culturas diversificadas. Muitos diretores e roteiristas do cinema hollywoodiano tiveram no caso Gein, uma grande influência para formulação de personagens para seus filmes.

Ed Gein inspirou vários filmes e livros. Robert Bloch usou sua história para escrever a personagem Norman Bates, em *Psicose*. O filme de Hitchcock, com o mesmo nome, baseia-se nele. Em 1974, os filmes clássicos de Tobe Hooper, *The Texas Chainsaw Massacre I, II e III*, também tinham toques de Gein. No livro de Thomas Harris, que originou o filme *O Silêncio dos Inocentes*, o assassino Buffalo Bill também costurava roupas com pele humana e as vestia, como Ed, usando-as em estranhos e insanos rituais. (CASOY, 2004, p.80)

Desses filmes citados, o que estabeleceu o meu contato com o caso Gein, foi a obra de Tober Hopper, *O Massacre da Serra Elétrica (The Texas Chainsaw Massacre)* lançado no ano de 1974. Na minha adolescência esse filme foi um estímulo visceral para meu desenho e até hoje ele é uma grande referência para minhas concepções imagéticas. A partir dessa relação entre a realidade e os fatos da ficção pude perceber a importância que a realidade tem na concepção da poética pessoal. Onde os fatos vividos elucidam a mente criativa de maneira impulsiva, causando manifestações de ideias.

## 2.2- A POÉTICA PESSOAL

Na minha compreensão o ato de desenhar é dividido em duas instâncias, a percepção visual e a mecânica. Essa percepção visual do mundo vem através das experiências vivenciadas no dia a dia, criando na mente uma gama de sensações, impulsos e sentimentos que se mesclam construindo uma concepção imagética. A segunda instância, a mecânica, que expressa através do exercício motor da prática do desenho, movimentos e impulsos para que o desenho seja construído no papel.

O recurso da percepção ativo nas experiências vivenciadas no cotidiano é o catalisador para formulação de ideias. Penso que perceber esse fato é o ponto chave para criar uma narrativa poética particular, para expurgar características das minhas diferentes vivências em cada imagem produzida, imprimindo no trabalho uma identidade.

Na minha adolescência pelas ruas da Ceilândia, muitas coisas acentuavam minha imaginação e incrementavam o meu desenho, coisas do meu cotidiano como por exemplo, ver entulhos a céu aberto, carniça de animais jogadas pelos cantos às

moscas, vidros quebrados, grades tortas entre outras visualidades, elementos imagéticos que ajudaram a constituir repertórios que seriam definidores de uma narrativa poética pessoal.

Um dia estava com dois amigos em um descampado na QNP<sup>5</sup> 12 do Setor P.Sul, bairro onde morava, não me lembro bem por que estava naquele local. Talvez por que no bairro não tinha muita coisa para se fazer em casa, você chama seus amigos para caminhar aleatoriamente, então...

ERA DE TARDE, ESTÁVAMOS SENTADOS CONVERSANDO EM FRENTE AO DESCAMPADO ONDE EXISTE UMA ESCOLA DE ALUNOS ATÉ A TERCEIRA SÉRIE, ELES ESTAVAM EM AULA. TUDO ESTAVA NORMAL NO BAIRRO, PESSOAS COMEÇAVAM A TRANSITAR PELAS RUAS PORQUE O SOL JÁ ESTAVA BAIXO. ME LEMBRO DE VER UM CARA SUBINDO E ATRAVESSANDO PELA FRENTE DA ESCOLA, ELE ERA NEGRO, USAVA UMA CAMISA LARGA PRETA, UMA CALÇA FOLGADA E SANDÁLIA. A DISTÂNCIA ENTRE NÓS E ONDE ELE PASSAVA ERA DE MAIS OU MENOS UNS CINQUENTA A SESSENTA METROS. EU ESTAVA SENTADO NO MEIO FIO, CONVERSANDO E OLHANDO O DIA PASSAR COM MEUS AMIGOS, QUANDO VIMOS UM CARA DE BONÉ COBRINDO O ROSTO SUBIR CORRENDO COMO SE ESTIVESSE ATRASADO. IMAGINAMOS QUE ELE IA PASSAR PELO OUTRO CARA E CONTINUAR SUA CORRIDA ATÉ O LOCAL DE DESTINO. MAS ELE SE APROXIMOU, SACOU UM REVÓLVER E DEU ALGUNS DISPAROS. NÃO ME LEMBRO SE O PRIMEIRO PEGOU, MAS O SEGUNDO ACERTOU O ROSTO DO HOMEM NEGRO, QUE CAIU NO CHÃO E AGONIZOU. O ASSASSINO FUGIU CORRENDO SEM OLHAR PARA OS LADOS DE UMA

---

<sup>5</sup> Significa Quadra Núcleo P.

MANEIRA SURPREENDENTE. CORRI PARA PERTO DO HOMEM CAÍDO MAIS ELE JÁ ERA UM CADÁVER, A BALA TINHA PERFURADO A BOCHECHA E NÃO DAVA PARA VER SE TINHA PERFURADO ATÉ A PARTE DE TRÁS DA CABEÇA. O SANGUE JORRAVA DA SUA BOCHECHA E LAVAVA O CHÃO DE TERRA SOLTA E CASCALHO, SEUS OLHOS SEMIABERTOS, SUA CABEÇA VIRADA PARA O LADO ESQUERDO, COM O CORPO ESTIRADO DE QUALQUER MANEIRA, SEM NENHUM ACONCHEGO. MEUS OLHOS FICARAM CENTRADOS NO CADÁVER, AGACHEI E FIQUEI O MAIS PRÓXIMO QUE PUDE. MINHA CURIOSIDADE QUERIA VER MAIS, MEU DESEJO ERA TOCAR. FIQUEI POR QUASE QUARENTA MINUTOS VIDRADO ATÉ CHEGAR OS POLICIAIS E DEPOIS O IML. MEUS AMIGOS ME QUESTIONARAM DESSA FIXAÇÃO POR ALGO TÃO ESTRANHO. ACHO QUE TINHA UNS QUINZE OU DEZESSEIS ANOS DE IDADE. PASSEI UM BOM TEMPO REFLETINDO SOBRE O QUE VI. ATÉ HOJE ISSO SE MANIFESTA EM MINHA MEMÓRIA, TRANSMITINDO SENSações REFERENTE A ESSE MOMENTO (Figura 10).

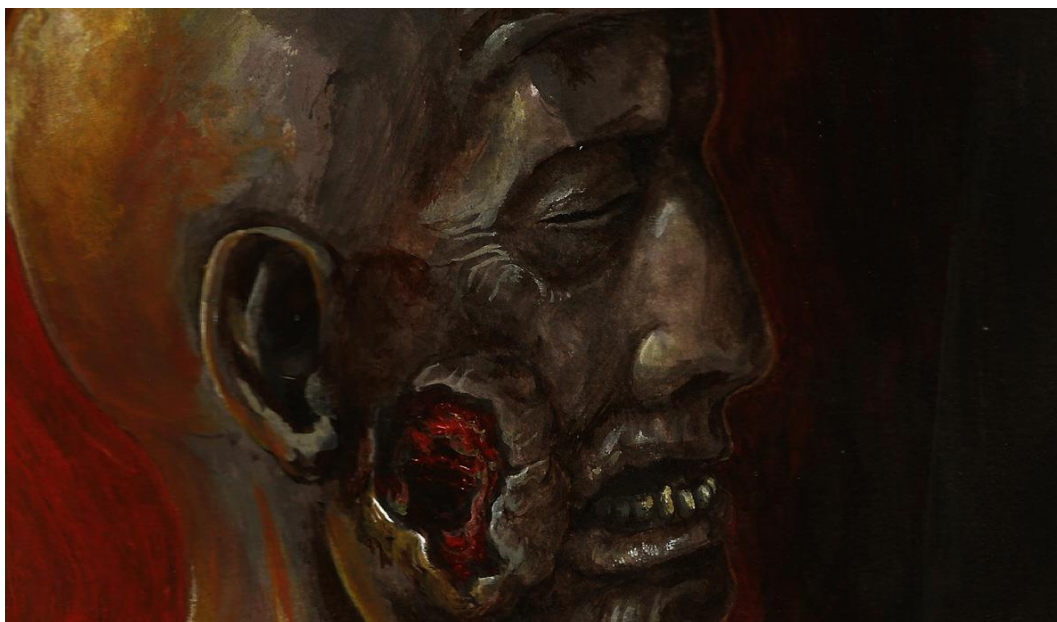


Figura 9 – Memorável Cadáver – Detalhe. Autoria Própria



*Figura 10 - Memorável Cadáver - Autoria Própria*

O fato narrado me marcou bastante e outros fatos se somaram a ele para desenvolver a minha linguagem poética. Isso me mostrou na pele como a essência de acontecimentos vividos no cotidiano pode vir a construir e influenciar o desenvolvimento de uma produção Imagética.

Diversos artistas na história da arte apresentaram em suas obras elementos que influenciaram o seu terrível cotidiano, e isso vem a conceber uma formulação grotesca da imagem, onde são revelados fatos, explicitando a mentalidade monstruosa da humanidade. Trago Francisco Goya novamente como exemplo, que se viu em meio ao cenário de guerra, onde seu país passou por uma situação desumana de fome, miséria, destruição e impiedade. Torturados, molestados, assassinados de maneira cruel pelos soldados franceses. Goya, ao ver tal cenas, criou em si uma agonia e precisou expurgar esses demônios que o atormentavam, convertendo isso em escarro, presente na série de gravuras chamada *Los Desastres de la Guerra* (Figura 11). Segundo Charles (2011, p.59): “ Uma das imagens mais terríveis de Goya foi provocada pela turbulência política que agitou a Espanha durante a Guerra Peninsular de 1808-14, Goya viajou pelo campo destruído pela guerra para registrar os acontecimentos do cerco de Saragoça”.



Figura 11 -Aqui também não - Os desastres da Guerra - Site:

[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/9/9b/Goya\\_War3.jpg/800px-Goya\\_War3.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/9/9b/Goya_War3.jpg/800px-Goya_War3.jpg) .

Acesso em 15/11/2015

Outro artista que apresento como referência para esse trabalho é Leonardo da Vinci, que em sua vivência como artista, sempre transitava pelas ruas de Florença observando os ambientes. Leonardo sempre foi um grande observador do seu cotidiano e isso repercutiu em suas obras, ele acreditava no potencial da pintura onde o observador pudesse viver emoções e sensações como horror e pavor diante de uma representação monstruosa e bizarra, até mesmo fazer o observador acreditar que a criatura estivesse ali presa naquela tela. Segundo Chauveau (2010, p. 26): “Leonardo é imediatamente fascinado pelo poder mágico da pintura que permite simular coisas terríveis, assustadoras, sendo portanto o poder de enganar o espectador que crê estar diante de seres monstruosos ou de catástrofes naturais”.

Leonardo tem uma atração pelas características bizarras nas pessoas de baixa renda de sua época. A curiosidade de Leonardo por conhecer e perceber os elementos da natureza, se propondo a vivenciar experiências únicas para melhor desenvolvimento da sua concepção poética. Um exemplo dessa experiência foi o próprio processo de dissecar cadáveres durante várias madrugadas para poder entender como realmente é o corpo humano. Essa sua curiosidade foi a chave principal para sua paixão e devoção ao grotesco (Figura 13). Segundo Chauveau (2010, p.26): “Ele sente uma indivisível paixão pelo horrível e pelo grotesco, todas excentricidades da natureza o fascinam sobretudo as que se veem às vezes nos rostos deformados de pessoas de baixa condição”



Figura 12 - Cabeças Grotescas - Leonardo da Vinci - Site: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/62/79/01/6279017f4199a6877262fdaf1d99402c.jpg>

Acesso em 11/06/2017





Figura 13 - Cabeças Grotescas - Leonardo da Vinci - Site:

[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/58/Leonardo\\_da\\_Vinci\\_Grotesque\\_Heads.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/58/Leonardo_da_Vinci_Grotesque_Heads.jpg).

Acesso em 15/11/2015

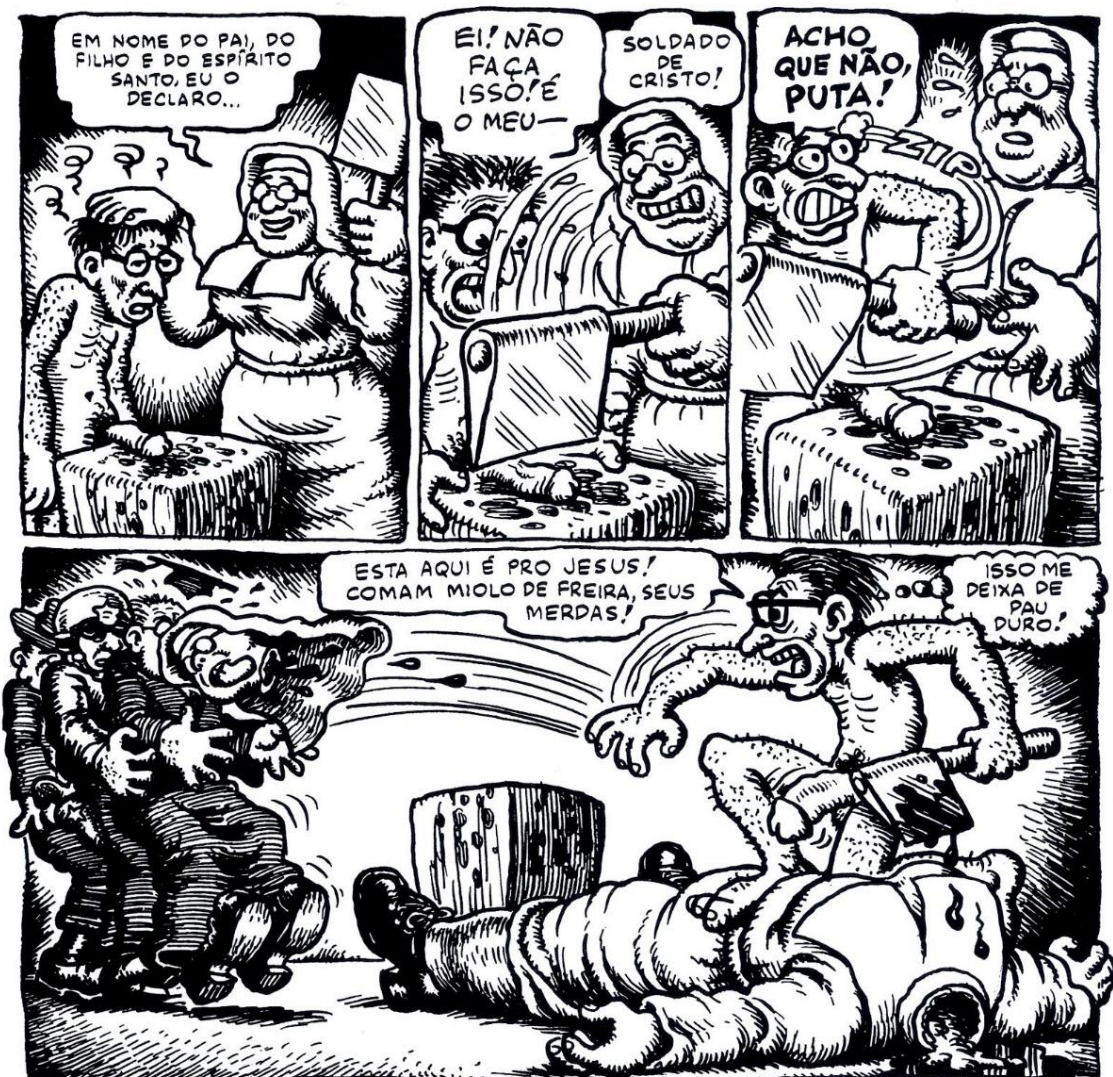
O terceiro artista para colaborar com essa pesquisa é o quadrinista e ilustrador norte americano Robert Crumb (1943), em sua obra fica explícita as motivações de seu cotidiano como base para suas histórias. Crumb usufruiu de suas experiências e demonstra em seus quadrinhos sua interpretação sobre esses episódios, em uma graphic novel intitulado 'Minha Vida', lançado aqui no Brasil no ano de 2005.

Essa graphic novel apresenta histórias curtas onde o próprio autor é o personagem principal de todas as histórias. Ao trazer a questão da autorrepresentação para suas histórias, Crumb interpreta a si mesmo com um humor agressivo e muitas vezes assustador expressado por um traço voraz de seu desenho carregado. Outro ponto crucial na edição são algumas narrativas exploradas por Crumb, sobretudo, quando aponta relatos e façanhas de sua infância, ou das suas experiências com drogas, desenhos e quadrinhos. A liberdade de falar sobre questões da infância e do cotidiano

é o que mais me atrai na sua obra, reportando-me também para as minhas experiências com o desenho. Segundo Robert Crumb (2005, p. 49):

Quando tomei LSD... foi a minha *estrada para Damasco!* Me fez cair do cavalo e alterou meu estilo de desenho, a disposição do meu ego, minhas motivações. Parei de fazer desenho de observação. Meio que perdi a concentração. De certo modo, me desliguei dos quadrinhos baseados no ego. O LSD me libertou do ego por um breve período. Todos os meus desenhos vinham de dentro... uma visão interna... miraculosa. Foi a maior liberdade do subconsciente que tive na vida.

Quando leio esses textos, imagino um tipo de entrevista onde o autor responde as questões-chave para si mesmo, analisando os pontos e formulando seu trabalho de tal maneira para gerar o expurgo em sua obra.



12

Figura 14 – Detalhe da história: As aventuras de Crumb em pessoa.

Publicado no livro "Minha Vida" 2005 - Robert Crumb

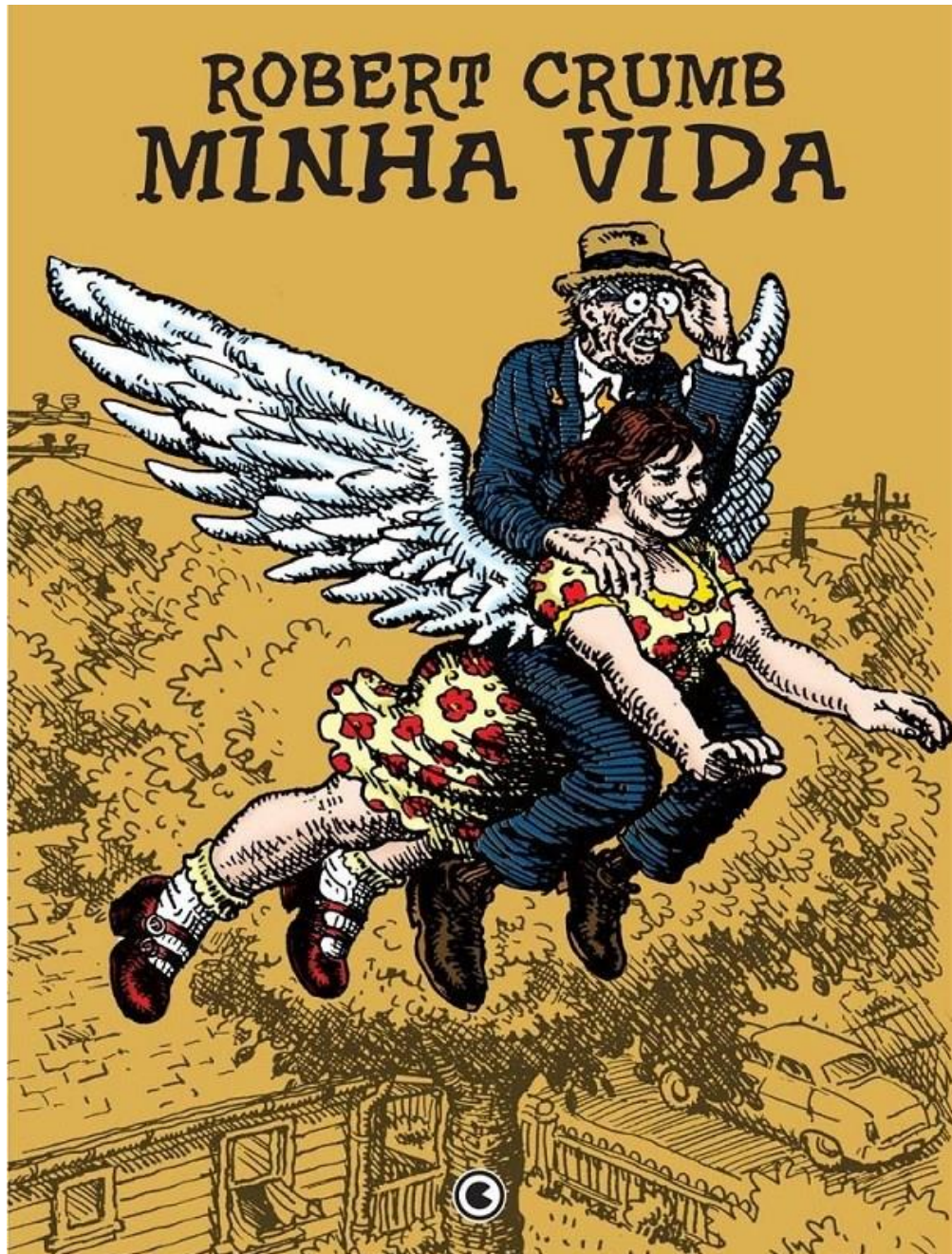


Figura 15 –Capa do Minha Vida – Robert Crumb - Site:  
<https://nadacertonadaerrado.wordpress.com/2014/03/25/download-hqs-robert-crumb>.  
Acesso em 11/06/2017

Por fim, esse capítulo mostra a influência do cotidiano na construção de uma poética pessoal e a importância das experiências que alimentam a mente de ideias para a concepção de imagens. No meu caso, compreender o processo artístico e poético que foi vivenciado pelos artistas citados, permite refletir sobre o potencial da linguagem do desenho como um recurso narrativo. Nesse sentido, torna-se fundamental um olhar sensível, curioso e investigador para perceber o que me rodeia, atrai e influencia. São questões que me provocam a pensar sobre novas experiências para incrementar e

avançar o modo como percebo minha produção poética a partir das experiências que vivenciei. Ao pesquisar o trabalho de artistas que dialogam com minhas intenções poéticas, amadureço minha formação como artista e sujeito, ao mesmo tempo, repenso e evito os clichês e exageros, mantendo o equilíbrio com o meu trabalho.

# DISSECAÇÃO



### 3- A AUTOFORMAÇÃO

Dissecar é um ato necessário para compreender os sintomas e as causas de um óbito, para reconstruir de modo investigativo os fenômenos ocorridos sobre aquele corpo, até chegar em seu estado mórbido. Nesse capítulo da pesquisa, vou explorar por meio das minhas experiências, um caminho metodológico pelo viés da narrativa. Um recurso que vou denominar de “narrativa alegórica”, com a intenção de dissecação do meu corpo em busca dos sintomas que me direcionaram para o campo das artes e quais fatos foram cruciais para a constituir meu trabalho artístico.

Meu intuito é analisar episódios que marcaram minha vida, tentando reinterpretá-los em busca de vestígios que direcionaram minha autoformação poética e técnica no desenho. Nesse sentido, um olhar de fora é necessário para resgatar nesses momentos as pistas fundamentais para compreensão do aprendizado no campo artístico. Segundo Wittizoreck (2006, apud MARQUES, 2015, p. 28),

(...) ao reconstruirmos nossa experiência de maneira reflexiva, fomos desvelando os significados que atribuímos aos fatos que vivemos, realizando uma espécie de auto-análise que possibilitou compreender melhor as escolhas que fizemos. A capacidade de narrar a si mesmo, além de envolver a capacidade de refletir sobre a experiência vivida, pode ajudar a entender e a organizar a realidade social e, dessa forma, oferecer melhores condições para que os sujeitos possam transformar a própria realidade.

A partir dessa perspectiva apontada por Wittizoreck e, também, usada como recurso na escrita de Marques para pensar o seu processo autoforamtivo a partir do desenho em quadrinhos, entendo que o meu caminho de pesquisa envolve tanto a reflexão sobre as experiências vividas por mim como um olhar de fora. Esse olhar de fora compreende especialmente, o recurso das narrativas alegóricas como um percurso, um opção metodológica, onde o narrador representa um alter ego da minha consciência, um vulto que presencia à própria dissecação, daquilo que um dia foi seu corpo. A narrativa alegórica apresentada a seguir compreende um dos recursos metodológicos que usarei no decorrer da pesquisa.

## TRANSTORNO ALEGÓRICO

A CHAMA RALA DA VELA AMENIZA A ESCURIDÃO, CADA PASSO É UMA LUTA DENTRO DO DESCONHECIDO, SINTO O FRIO TRANSPASSAR MINHA EXISTÊNCIA, NÃO SEI MAIS QUEM SOU E NEM PARA ONDE VOU, ME SINTO CADA DIA MAIS SOLITÁRIO, CADA DIA UM DEGRAU QUE DESÇO AO NÚCLEO DA ISOLAÇÃO.

RUÍDOS VAGAM PELA ATMOSFERA, BARULHO DE METAL ECOA NO AMBIENTE MÓRBIDO, ESTOU SENDO GUIADO POR UMA FORÇA ESTRANHA QUE NÃO CONSIGO EVITAR, NÃO SEI OS VERDADEIROS MOTIVOS DESSA SITUAÇÃO, APENAS NÃO POSSO FUGIR. MINHA VISÃO TURVA CONTEMPLA UMA FRESTA QUE EMANA LUZ, CORTANDO UMA FATIA DA ESCURIDÃO, OS BARULHOS ESTÃO VINDO DE LÁ. UMA PORTA SEMI ABERTA ALIMENTA MINHA CURIOSIDADE E INTENSIFICA O MEDO. ONDE ESTOU? NÃO CONSIGO RESPONDER ESSA QUESTÃO, AO OLHAR PARA TRÁS O BREU ASSUSTADOR E CAÓTICO ME OPRIME DE UMA FORMA VIOLENTA. NÃO TENHO OUTRO CAMINHO, AQUELA PORTA É O ÚNICO SENTIDO QUE EXISTE PARA MIM, MINHA INSEGURANÇA COMBINA COM AS MÃOS TREMULAS QUE EMPURRA COM FORÇA, ABRINDO A PASSAGEM ORNAMENTADA POR UMA MADEIRA PESADA.

O CHEIRO PODRE ADENTRA EM MINHAS NARINAS COMO AMÔNIA DE MODO AGRESSIVO QUE SE MISTURA COM O ODOR DE CARNIÇA, SÊMEN, URINA E SANGUE CONSTITUINDO O AR DO AMBIENTE. É INSUPORTÁVEL ESTAR ALI. A MINHA FRENTE ME DEPARO COM UM ESPECTRO DE VESTIMENTAS BRANCAS, MÁSCARA E LUVAS, SUA ATITUDE DE LIMPAR FERRAMENTAS CIRÚRGICAS DE MODO CONCENTRADO, NÃO FAZ ELE PERCEBER MINHA PRESENÇA NO AMBIENTE. TALVEZ EU SEJA INVISÍVEL, COMO NA MAIORIA DAS VEZES EM MINHA EXISTÊNCIA, SE SENTIR ASSIM NÃO ME É ESTRANHO.

A FRENTE DO ESPECTRO NECROPSISTA, UMA MACA METÁLICA ONDE PERCEBO DE MODO

ASSUSTADOR QUE MEU CADÁVER (FIGURA 16) ESTÁ ALI DEITADO, COM SUA APARÊNCIA DISFORME, CAUSADA POR FERIDAS E HEMATOMAS, A SENSACÃO DE ALÍVIO PAIRA SOBRE MEUS SENTIDOS AO VER AQUELA CENA, NÃO SEI MAIS O QUE SOU. SOMENTE SEI QUE AQUELA COISA DEITADA NAQUELA MACA É QUEM JÁ FUI UM DIA!

O NECROPSISTA ADMIRA A CARCAÇA A SER EXAMINADA, EM BUSCA DO SENTIDO DO ÓBITO, A CAUSA PATOLÓGICA QUE CAUSOU A CONSTRUÇÃO DAQUELA CENA QUE PRESENCIO, O OLHAR DO ESPECTRO DE BRANCO DEMONSTRA UM ÊXTASE DE ALEGRIA E TESÃO AO TOCAR A PELE FRIA DESTROÇADA POR FUROS E RASGOS. ESTOU A ADMIRAR AS MÃOS DO TOQUE DAQUELE SER, QUE DESLIZA SOBRE MINHA CARCAÇA ACARICIANDO-ME COM INTENÇÕES ESTRANHAS, AGORA SUA MÃO SEGURA UM BISTURI QUE VEM A CORTAR A PELE FRÁGIL DO MEU TÓRAX

COM O MÁXIMO DE CUIDADO ELE ADMIRA A LÂMINA ROMPER O TECIDO, A MÃO FIRME GUIA O BISTURI COM UMA PRECISÃO BESTIAL, AOS POUCOS AQUELE LADO OBSCURO RECEBE FEIXES LUMINOSOS, O RITUAL DE NECROMÂNCIA COMEÇA A SER ORQUESTRADO DIANTE DA MINHA CONSCIÊNCIA QUE VAGA PARA COMPREENDER AS PROFUNDEZAS DE SI MESMO.

É INICIADA A NECROPSIA EM BUSCA DOS SINTOMAS DA MINHA AUTOFORMAÇÃO, PARA COMPREENDER O CAMINHO DOLOROSO DAS LEMBRANÇAS, EM BUSCA DE AGENTES PATOLÓGICOS.

AO TER MINHAS VÍSCERAS EXPOSTAS O LEGISTA ADMIRA MEUS ÓRGÃOS DE MODO CONTEMPLATIVO, ISSO ME FAZ QUESTIONAR ALGO, SE TUDO É TÃO IDÊNTICO AOS DEMAIS POR QUE ESSA TERRÍVEL ADMIRAÇÃO. NÃO EXISTE DOR SOBRE MIM, MAIS A AGONIA CONFUNDE MINHA CONSCIÊNCIA QUE BUSCA A RAZÃO PARA ENTENDER O PROCESSO. AO MESMO TEMPO A VONTADE DE FUGIR DAQUELE AMBIENTE É FORTE, MAS É IMPOSSÍVEL ROMPER O RITUAL.



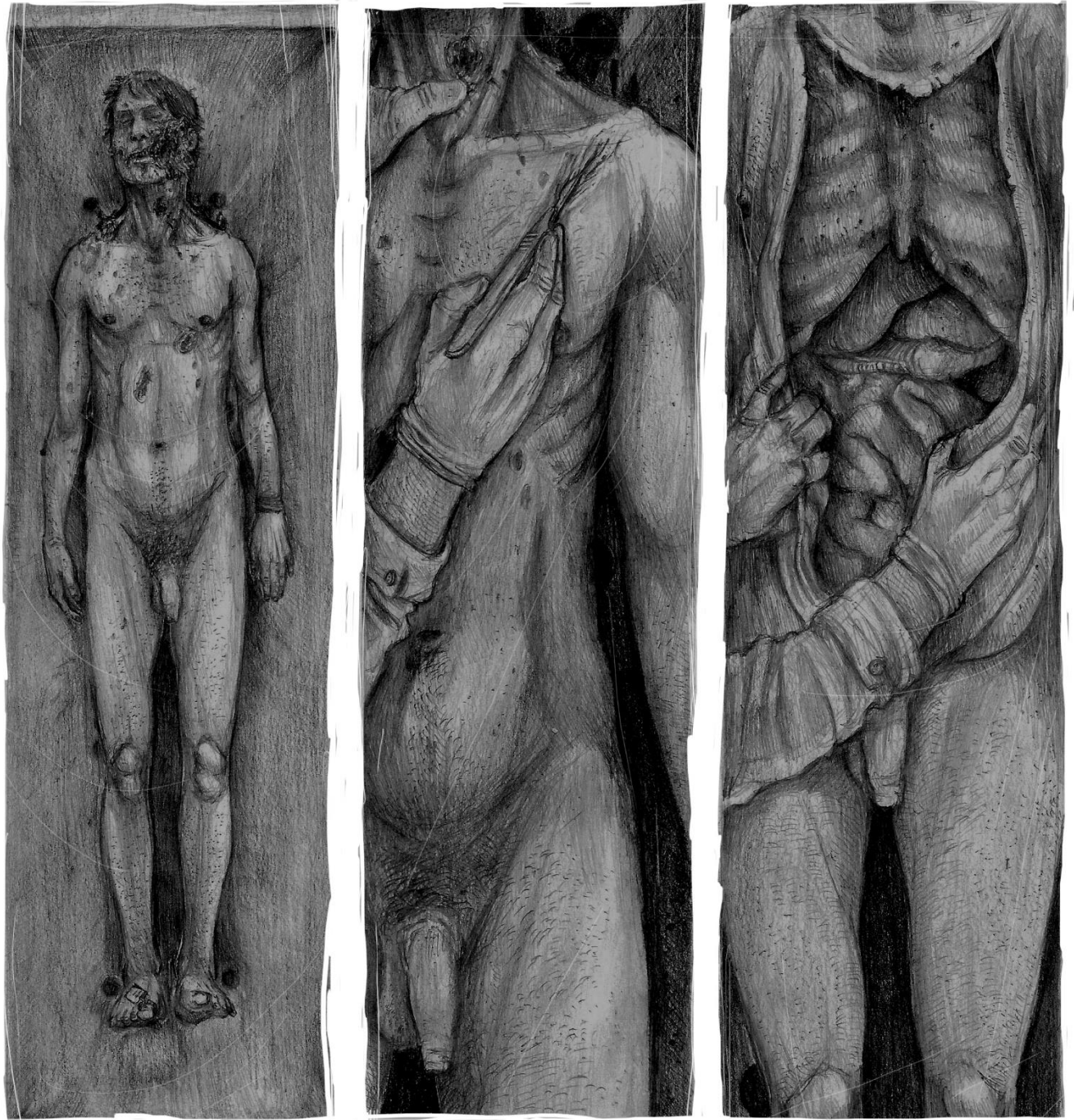


Figura 16 -Dissecação 1 – Autoria própria - 2014

### 3.1- PRIMEIRAS QUEDAS

Quando criança me lembro de ver sempre meu pai escrever, não sabia bem o que ele escrevia, mais eu cresci em um barraco de fundo na periferia, onde as pessoas tem o hábito de guardar todos os lixos como se fosse usar um dia. Na casa que morava não era diferente, havia entulhos nos quintais, coisas sem sentido como cacos de telha ou portões enferrujados, canos e pedaços de madeira. Por causa do meu pai, nunca faltava papel na minha casa, ele também tinha caixas de livros sobre artes marciais ou funcionamento mecânico de armas de guerra e automóveis.

Certo dia decidi roubar um dos livros sobre técnicas assassinas ninjas de sua coleção e levar para mesa. Lembro de ter pintado as figuras que eram em preto e branca com traços vermelhos e manchas marrons a sua volta. Passei o dia inteiro na mesa, quando mostrei para meu pai fui acusado de estragar seu livro. Ele me falou que eu tinha que copiar o desenho olhando o do livro para depois pintar. Ele copiou o desenho usando uma caneta em uma folha e me presenteou. Esse foi o único desenho que ganhei do meu pai em toda a minha vida. Também foi a primeira vez que soube que ele sabia fazer algo daquele tipo. Depois desse episódio marcante para a minha formação subjetiva, passei a ficar horas tentando copiar outros desenhos de diversos livros através da observação. No entanto, nunca mostrei tais desenhos para o meu pai. Esperei até que um ficasse bom para fazer isso.

O ato de estar rabiscando na tentativa de redesenhar os desenhos dos livros de ninja se tornou algo recorrente na minha vida. Além de outras atividades que serviam para preencher o cotidiano, como tentar ler livros velhos ou brincar na rua e no quintal. Até que um dia me deparei com algo realmente impressionante para meus olhos: uma fita cassete alugada pelo meu pai do filme de terror/ficção científica, chamado "Predador" de 1987.

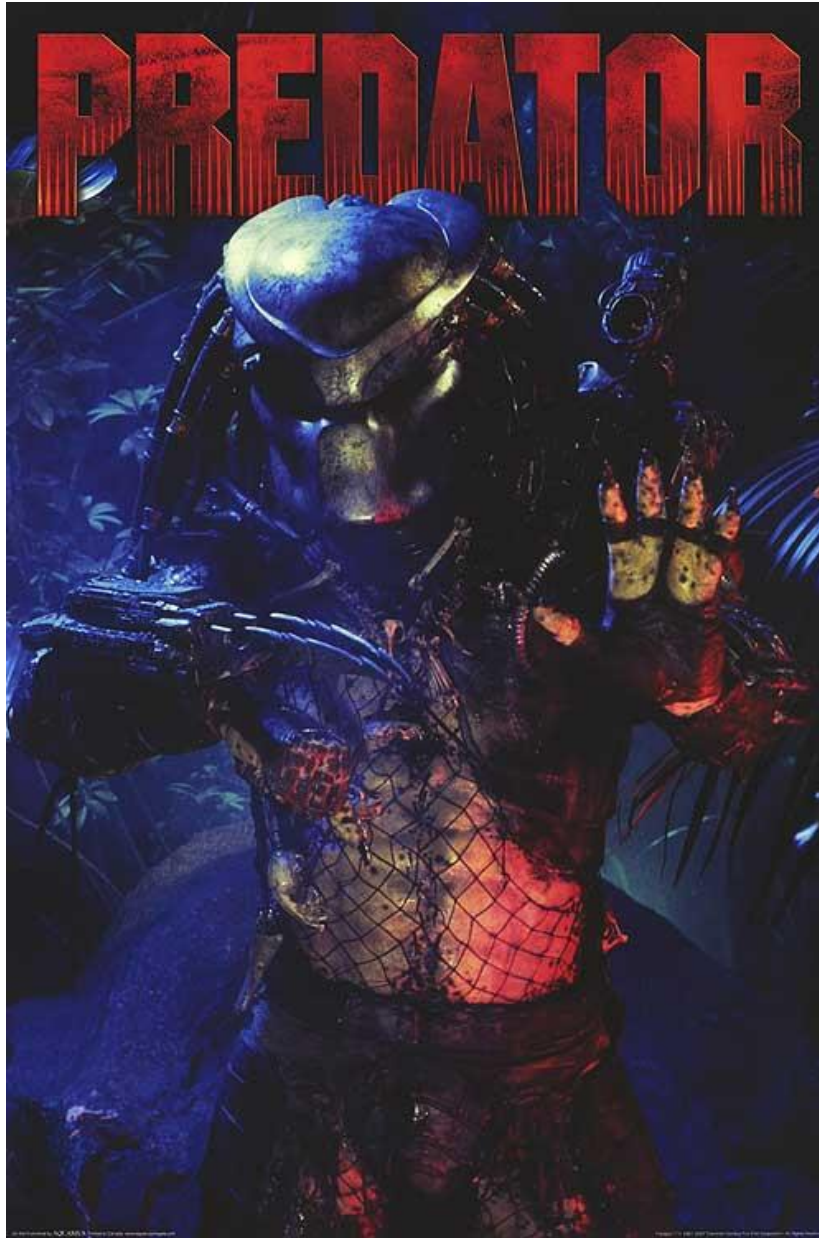


Figura 17 – Pôster do Predator, filme de 1987 -

Site: <https://www.movieposter.com/posters/archive/main/50/MPW-25018> Acesso em 15/06/2017

O enredo do filme mostrava um grupo de soldados selecionados para uma missão de resgate na selva, onde caiu um tipo de nave espacial, sem os soldados saberem do verdadeiro cunho da missão, eles sofreriam a consequência de serem caçados por essa criatura que tem como prazer matar para saciar seus instintos. A criatura tem como hábito arrancar a coluna vertebral e os crânios de suas vítimas para ornamentar sua morada com os seus troféus de caça. Uma cena que me marcou bastante é o momento em que o PREDADOR está limpando os crânios das vítimas abatidas e contemplando aquilo como o objeto mais valioso de seu ambiente. Essa cena

adentrou minha mente de maneira monstruosa, os livros de arte marcial já não era mais o interesse, tudo que eu queria era desenhar o Predador e vários crânios a sua volta. Como o filme tinha que ser devolvido para a locadora, eu tinha que usar de referência para meus desenhos apenas os fragmentos que estavam na minha memória e isso me fez largar sem perceber o desenho de observação e passar a praticar o desenho de memória e imaginação.

Devido essa situação passei a lidar com construção de cenas através da imaginação ligando os fragmentos de memória, tentando transmitir uma essência daquilo que estava na minha mente. Esse tipo de exercício é bastante complexo, pois expressar os aspectos do que imagina através do desenho é algo denso, isso me fez romper com a dependência da referência, desenvolvendo meu potencial de criação.



Figura 18 – Cena do filme Predator, 1987 Disponível em: [https://3.bp.blogspot.com/-sCzdqRoOv3c/V0dUiszjwdI/AAAAAAAAWww/HRws1NDpGTwcZ8gd5OLil\\_3eNiGKrN5MwCLcB/s1600/Predator-1987-skulls.png](https://3.bp.blogspot.com/-sCzdqRoOv3c/V0dUiszjwdI/AAAAAAAAWww/HRws1NDpGTwcZ8gd5OLil_3eNiGKrN5MwCLcB/s1600/Predator-1987-skulls.png) Acesso em:28/06/2017



Figura 19 – Cena do filme Predator, 1987, Disponível em: <http://imgur.com/19JWPnM> Acesso em:28/06/2017

Desenhar de memória me deu mais autonomia, porém os resultados geralmente tinham uma qualidade péssima e sempre causavam situações estranhas, gerando comentários e questionamentos.

Os filmes de terror era a tortura predileta dos meus primos para me fazer chorar de medo. Associado com isso, também haviam os sustos, que eles me davam para me fazer acreditar que tudo que passava na TV era real. Era um tipo de tortura mental através de filmes como a Hora do Pesadelo, ou IT a obra prima do terror, Sexta Feira 13 e outros demais títulos. Eu acreditava que seres monstruosos poderiam invadir meus sonhos, ou mesmo, que brinquedos se tornariam reais e poderiam me matar a facadas a qualquer momento. Isso me deixava aterrorizado. Meus desenhos começaram a ter nítida influência desses filmes de modo indireto, passei a construir esses seres de forma naturalizada. Então, percebi que quando desenhava não era tão assustador quanto ficar somente pensando que alguém poderia sair debaixo do sofá com uma faca para cravar nas suas costas, enquanto estava vendo TV.



*Figura 20 – Desenho feito na Parede – Autoria própria -2002*

O meu desenho transita em vales sombrios, desde a minha infância e com o desenvolvimento da minha atividade intelectual foi se aprofundando em temas densos e até mesmo intocáveis como suicídio, estupros, ultraviolência, pedofilia, homicídios entre outros temas. Esse tipo de manifestação presente no meu desenho desencadeou nos observadores diversos tipos de julgamento, muitos acirrados sobre minha pessoa e meus costumes. Por um tempo passei a guardar só para mim o que desenhava, foi a primeira forma de lidar com esse tipo de julgamento crítico e pesado. Hoje percebo que nessa época não tinha a maturidade nem o conhecimento para argumentar de forma defensiva, então escolhi o caminho mais fácil. Me ausentava dos assuntos que envolviam o desenho como tema, muitas pessoas até pensavam que eu não desenhava mais. Criei um tipo de fortaleza.

O desenho até então tinha sido um tipo de maldição em minha vida. Não tinha ânimo de estudar e tudo que meus pais faziam era culpar o meu interesse por desenhar. Eles afirmavam que as coisas davam errado, porque este era o preço de estar sempre

perdendo tempo com monstros e que isso não levaria ninguém a lugar nenhum. Reprovei pela primeira vez e o peso do chicote da inquisição veio sobre minhas costas. Minha pequena coleção de revistas em quadrinhos virou uma imensa fogueira perante aos meus olhos em lágrimas, o ódio ardia em mim de forma inexplicável, desejei a morte de amigos e familiares por meses. Deixei de me importar com eles. Decidi então parar de desenhar e fiquei mais de dois anos sem fazer nenhum desenho com frequência, às vezes rabiscava no final dos cadernos. O tempo passou e comecei a me aceitar e lidar comigo mesmo e aos poucos voltei a desenhar com grande frequência e novas afrontas vieram.

NÃO CONSIGO FUGIR DESSE LUGAR E MINHA CONSCIÊNCIA ESTÁ EM DESESPERO. ESTOU PRESO NA ESCURIDÃO DA CAVERNA DO MEDO. SOU OBRIGADO A ASSISTIR AS MÃOS DO ESPECTRO [COM LUVAS BRANCAS], CHAFURDANDO MINHAS CAVIDADES EM BUSCA DE ALGO ESPECIFICO, NÃO SEI O QUE ELE DESEJA. NO ENTANTO, PERCEBO QUE A FACE DA MINHA CARCAÇA PARECE SE ALVIAR DO PESO CONFORME OS ÓRGÃOS SÃO EXAMINADOS.

A MÃO COMEÇA A TOCAR A FACE DA MINHA CARCAÇA, DESFIGURADA POR CORTES E BURACOS QUE SE JUNTAM AO INCHAÇO. O DESLIZAR DA SUA MÃO DE MODO CARINHOSO SOBRE A FACE MÓRBIDA, FAZ OS PELOS DO CORPO DO NECROPCISTA SE OURIÇAR DE MODO INTENSO, SUA PELE EMANA O SUOR E SEUS BATIMENTOS COMEÇAM A FAZER COM QUE SEU SANGUE ACELERE O FLUXO DAS SENSACÕES EM SEU CORPO.

SUA MÃO CONTINUA A DESCER ATÉ CHEGAR NA VIRILHA DO MEU CADÁVER. É ESTRANHO PRESENCIAR ESSA CENA. PERCEBO QUE A CADA SEGUNDO O CORPO DO ESPECTRO COMEÇA A SE EXCITAR, SEU DESEJO PASSA A SER ÚNICA COISA A SUA FRENTE, ELE QUER SACIAR SEU TESÃO. COM UM TOQUE SÚTIL ELE ACARICIA O PÊNIS DA MINHA CARCAÇA. E COMO SE O MUNDO EM SUA VOLTA DESABASSE, NÃO HÁ MORALIDADE NEM CONCEITOS DE ÉTICA, A ÚNICA COISA QUE ELE BUSCA E SACIAR SEU INSTINTO MONSTRUOSO.

MINHA CONSCIÊNCIA LUTA PARA CONSEGUIR SUPERAR A AGONIA DO SHOW DA ABERRAÇÃO,  
SINTO QUE O MEDO AINDA PAIRA SOBRE MIM!

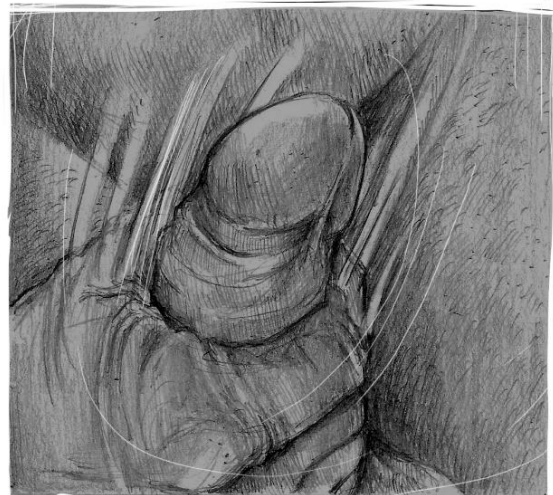
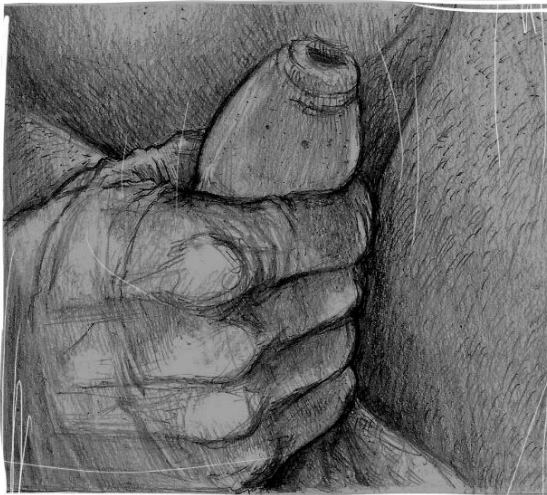
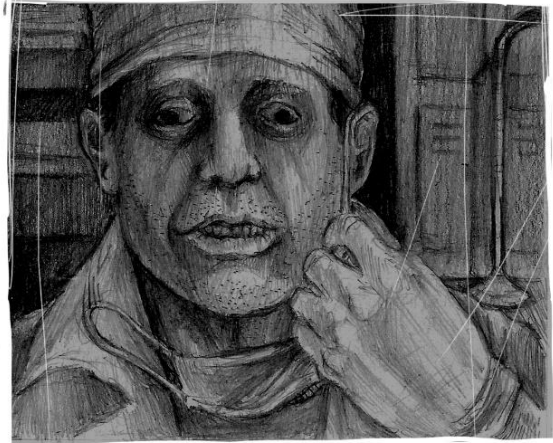


Figura 21 -Dissecação 2 – Autoria própria – 2014



### 3.2- O MEDO DA CAVERNA

No ensino médio aconteceu algo que me fez ver a capacidade do desenho de outra maneira, uma aula sobre a vida de Leonardo da Vinci. Essa experiência prendeu minha atenção como nunca antes, a relação e os fatos sobre seu trabalho no campo da ciência e das artes me impressionaram. Como ele lidava com as circunstâncias de ser um bastardo e como evoluiu na sua caminhada. Nesse dia percebi que o desenho podia ser usado para compreender as coisas de modo investigativo, e que não era somente um meio de criar imagens, mais sim uma linguagem para compreender e analisar qualquer coisa que quisesse. A narrativa sobre o medo da caverna ilustra poeticamente tal possibilidade. Uma tentativa de projetar num outro corpo a minha própria necessidade de enfrentar os medos e os desejos.

Procurei o máximo que pude sobre Leonardo e me senti como ele no momento que se viu de frente com o temor da incerteza diante da entrada de uma caverna. Eu estava com medo de lidar com o lado escuro da minha mente. Segundo Fred Bérence (1965, p. 14) o relato de Leonardo:

Conta-nos ele que, certo dia, chegou à entrada de uma caverna atraído pelo desejo ardente de conhecer a grande complexidade de formas estranhas que a artificiosa Natureza elaborou. Dobrando as costas em arco e com a mão em pala sobre os olhos, curvou-se em várias sentidos, nada conseguindo ver por causa da escuridão. Dois sentimentos despertaram então dentro dele: medo e desejo, medo do desconhecido ameaçador, medo das trevas, desejo de ver o que elas escondiam de misterioso e de extraordinário

Entendo a partir do relato de Leonardo que o medo e o desejo são sentimentos que acontecem, por vezes, ao mesmo tempo. Inclusive, a narrativa e a produção poética sobre o medo da caverna evidencia alguns aspectos das experiências da minha consciência sobre lidar com o ato doloroso da imaginação. Passei a usar o desenho como recurso para estudar, isso ajudou compreender as coisas, como o corpo, animais, ambientes, expressões e outros elementos do mundo físico de modo significativo, relacionando o que poderia usar em meus trabalhos, passei a perceber mais as coisas a minha volta. Isso fez com que minha percepção tivesse uma grande evolução e criei uma disciplina de desenhar todos os dias, buscando saciar minhas agonias internas.

Meus resultados eram favoráveis no ensino médio, isso me fez perceber que o

incomodo causado pelos meus pais sobre mim desaparecia gradativamente. Eu tinha agora um método de driblar toda a chatice familiar, por que estava indo bem na escola, mas ainda achava um saco a sala de aula.

Cheguei no terceiro ano e o desenho começou a me proporcionar um tipo de segurança e comecei a focar em assuntos específicos. Minha concentração melhorou de forma significativa, nas aulas estava sempre rabiscando enquanto o professor explicava o conteúdo. Essa atitude me fazia prestar atenção no que era dito pelo professor e não me dispersar do assunto. Passei a ser cada dia mais verdadeiro com o meu desenho e isso me fez continuar evoluindo, desenhava os assuntos que gostava e não ligava muito para as opiniões daqueles que me rodeavam. Eu só era mais um esquisito em uma sala cheia de pessoas estranhas de uma escola pública qualquer.

O MEU TEMOR DE CAMINHAR DENTRE A INCERTEZAS DA ESCURIDÃO DA CAVERNA, ME ENSINOU SOBRE A OPRESSÃO DO MEDO, QUE ME OBRIGA ENXERGAR AS PATOLOGIAS QUE DIZIMARAM MINHA CARÇAÇA, SINTO O MEU INTERIOR OCO.

NECROFILIA É O DESEJO DE TER PRAZER COM CORPOS VAZIOS, SEM VOZ E INDEFESOS. NÃO EXISTE REAÇÃO NO ATO APENAS A BUSCA DO PREDADOR DE TIRAR VANTAGEM SOBRE OS RESTOS DESTRUÍDOS. A VONTADE DE DEPOSITAR SEUS DESEJOS SOBRE AQUELA COISA PACIFICA QUE ESTÁ ALI SEM PODER QUESTIONAR. OS ATOS ABUSIVOS DE UMA CONDUTA DOENTIA.

O ESPECTRO CONTINUA A DEGUSTAR E ESTIMULAR SUAS NECESSIDADES ATRAVÉS DO ABUSO DA MINHA CARÇAÇA, ELE SENTE SUA IMPOTÊNCIA SEXUAL DAR UMA TRÉGUA E SUAS PERNAS COMEÇAM A TREMER DE TESSÃO, QUANDO ELE SE VÊ ERETO! MEU CADÁVER É O RESPONSÁVEL POR SATISFAZE-LO? NÃO SEI RESPONDER ESSA QUESTÃO, NÃO ENTENDO O CARMA DE TER QUE ASSISTIR UM ATO DE VIOLAÇÃO DOS MEUS RESTOS MORTAIS, SINTO A SENSACÃO QUE

AQUILO QUE VEJO É UM ATO HUMANO. PATOLÓGICO MAS MESMO ASSIM HUMANO.

O AGRESSOR ABRIU SUA CALÇA CONTEMPLANDO O MILAGRE DA EREÇÃO, E SEM QUESTIONAR TOCOU SEU ÓRGÃO SEXUAL, ESTIMULANDO-O COMO SE FOSSE A ÚLTIMA MASTURBAÇÃO DA SUA VIDA. SE DELEITANDO COM O BARULHO DO ROÇAR DE PELE.

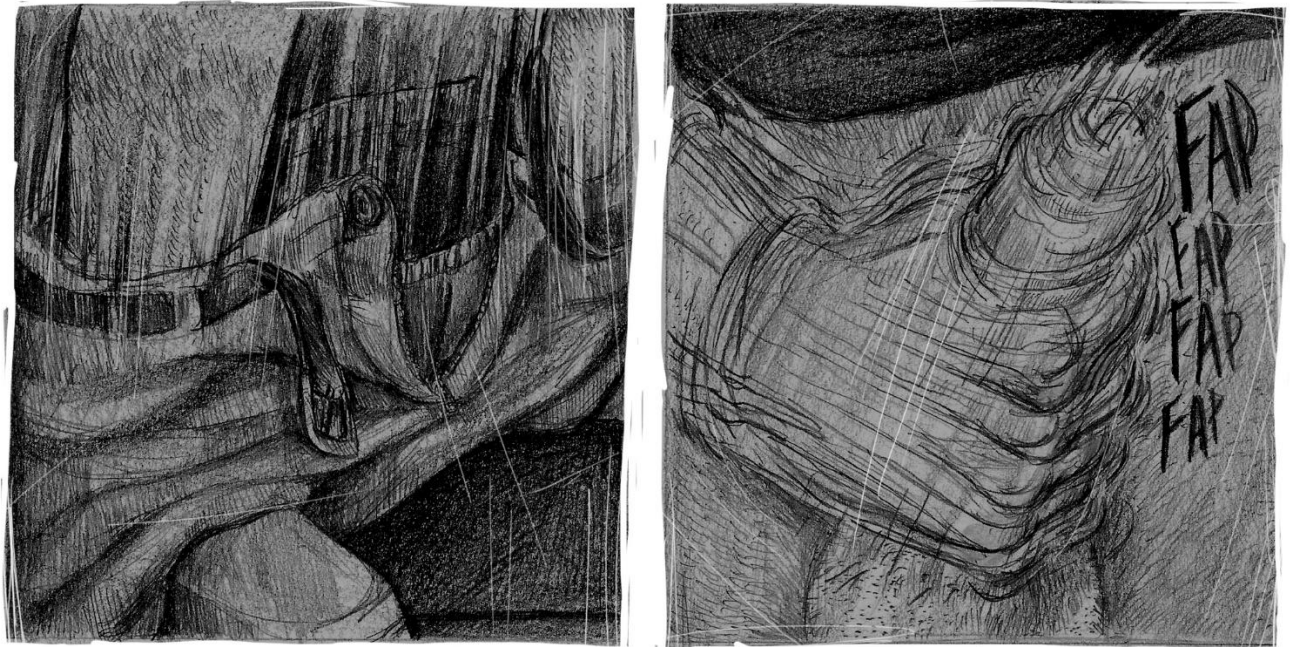


Figura 22 – Dissecação 3 – Autoria Própria 2014

### 3.3- A UNIVERSIDADE

O primeiro contato que tive com a Universidade foi através do grupo de modelo vivo que aconteceu no Departamento de Artes da Universidade de Brasília. Passei a frequentar o grupo todos os sábados e essa prática desenvolveu em mim um hábito mais complexo de tratar o corpo humano. Comecei a refletir sobre tridimensionalidade do corpo no espaço, e como isso poderia construir uma naturalidade para meus desenhos. O ambiente da Universidade despertou em mim interesse, queria ser aluno do curso de Artes Plásticas.

Com meu ingresso na UNB, novas atividades propostas pelo curso me ajudaram a desenvolver meu desenho, pela primeira vez dentro de um ambiente acadêmico. Aulas práticas e teóricas estimulavam o desenvolvimento do desenho como

linguagem e foi na universidade que conheci coisas importantes para minha carreira e uma delas foi o conceito de Grotesco que apresentei no primeiro capítulo dessa pesquisa.

A cena do quadrinho independente começou a surgir na Universidade e o desenvolvimento desse movimento ganhou potência dentro do Departamento. Eu ainda estava frustrado com algumas experiências com os quadrinhos, mas vi que existia novas soluções para a produção dessa linguagem. Ainda existia em mim uma resistência de voltar a me envolver novamente com essa linguagem. Continuei consumindo quadrinhos e estava sempre envolvido com algo que me direcionava para essa linguagem, um tipo de atração sutil aos meus olhos e dentro da Universidade não foi diferente.

Um episódio específico me fez questionar sobre meu trabalho. Tudo começou quando recebi um convite de um amigo para participar de um fanzine independente, ele me concedeu o espaço de duas páginas onde eu teria total liberdade para fazer a história do modo que quisesse. Então desenvolvi uma pequena história onde duas mulheres eram o ponto central da trama, uma é a agressora e outra a vítima. A história retratava uma pequena cena onde a assassina, que usava a máscara feita de crânio equino (Figura 29), abria o cadáver da vítima para extrair seu coração como símbolo do sentimento vivido.

Dias depois que entreguei a história para o grupo organizador do fanzine, questões sobre a aceitação do meu trabalho para publicação começou a ser levantada, devido ao enredo da história. Recebi um e-mail (Figura 28) dos responsáveis pela publicação, falando sobre questões de feminicídio associado com as taxas de agressão contra a mulher e mais algumas reflexões do tipo.

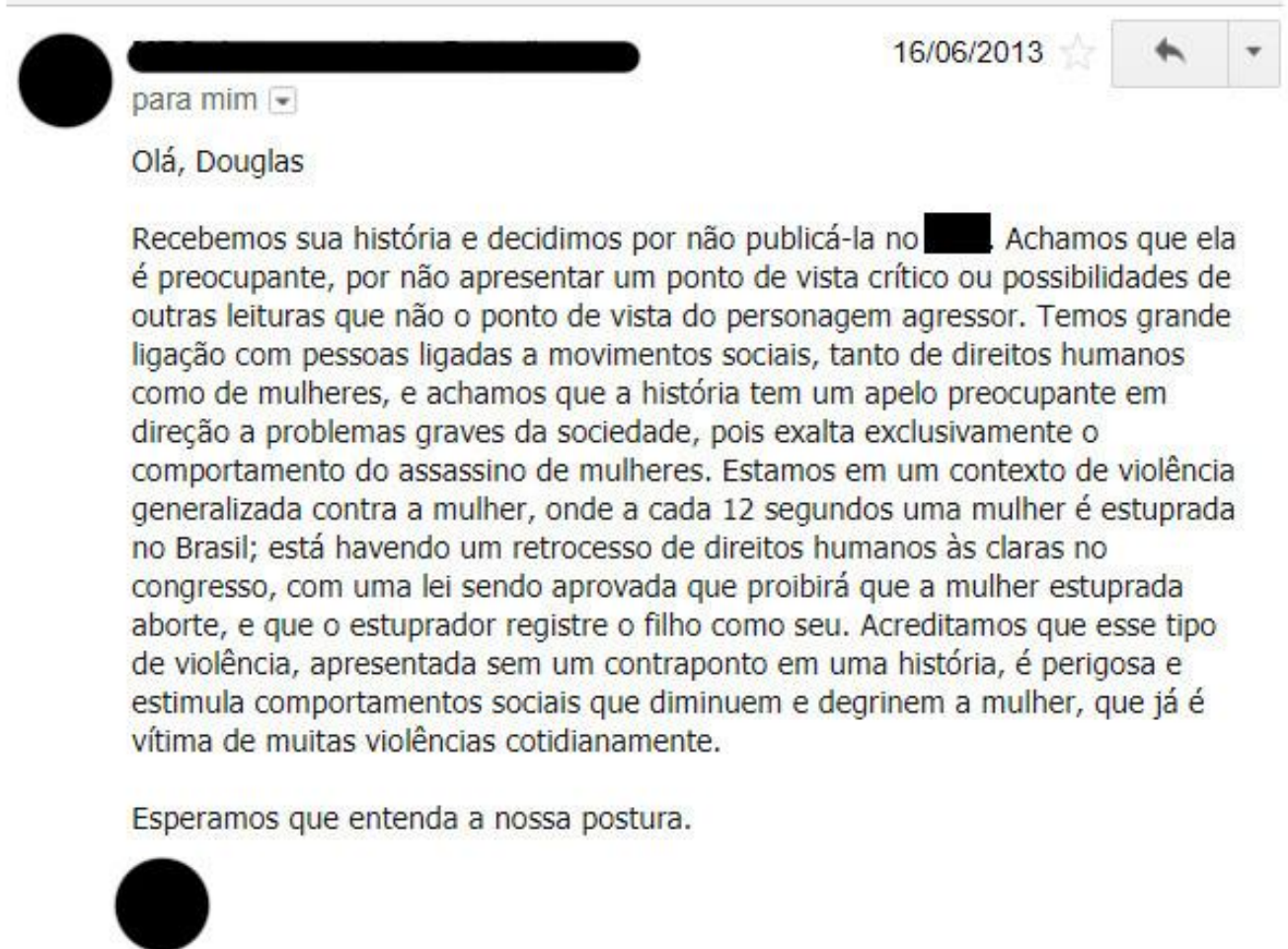
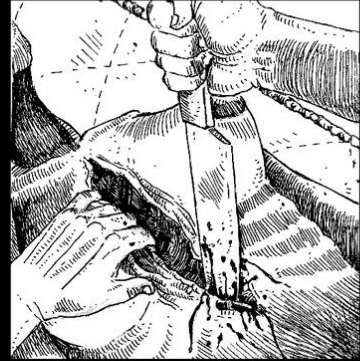


Figura 23 – E-mail recebido – 2013

Após essa situação me senti como um incitador da violência pelo viés do meu trabalho. A discussão tomou uma proporção maior do que imaginei e o assunto foi discutido por alguns dias em busca de uma solução. Se era certo censurar a história ou publicá-la para que ela cumprisse o papel de ser somente uma história sobre um tema polêmico. Fui defendido por um amigo e recebi uma lição relevante que contribuiu para a minha formação como artista. Ele argumentou que era necessário ter argumentos para lidar com um julgamento cego, pois claramente esse não seria o último tipo de julgamento que sofreria. No final dessa história a minha história foi censurada pelo grupo responsável pelo fanzine.

# CARA DE CAVALO

DEPOIS DE ALGUNS TRAÇADOS EM UM BUTECO QUALQUER, EU A TROUXE PRA CÁ, TRÊS OU QUATRO HORAS DE SEXO, VÁRIOS ORGASMOS.



SACIADA DE FETICHES ELA ME PROMETEU ALGO ESPECIAL.



EU A SUFOQUEI E EM INSTANTES ELA ESTAVA MORTA.

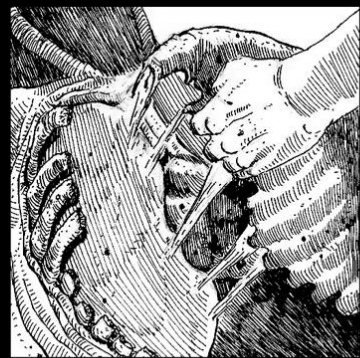
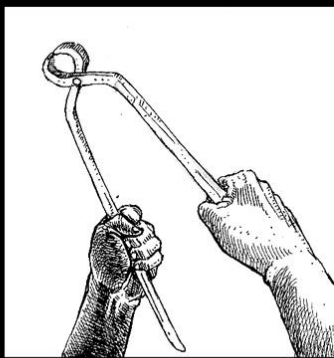
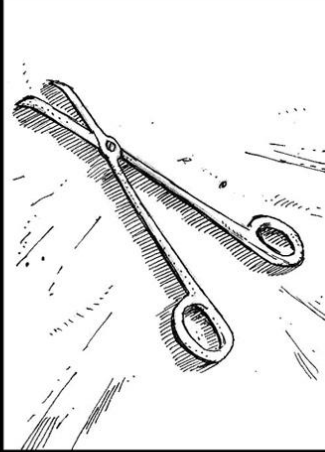
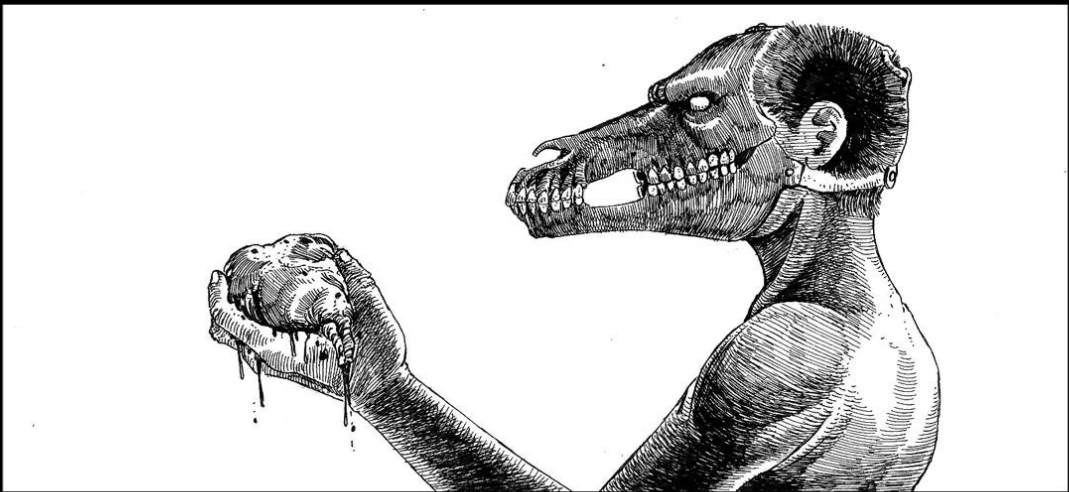


Figura 24 – Cara de Cavalo página 1- Autoria própria – 2013

NO SEU OLHAR O CONVITE, EXPLOREI SUAS VÍSCERAS E SENTI O SANGUE  
AINDA QUENTE.



ENTÃO ARRANQUEI AQUILO QUE ME FOI PROMETIDO.



E AGORA É MEU POR TODA ETERNIDADE.

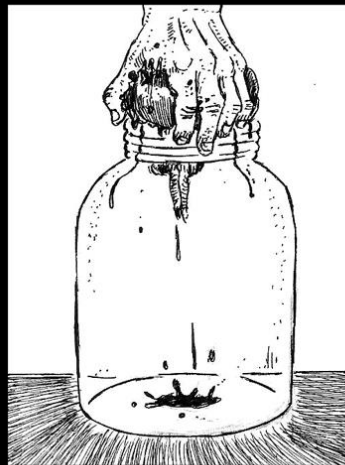


Figura 25 – Cara de Cavalo página 2- Autoria própria – 2013

O ponto mais intenso sobre esse episódio da minha vida, foi a questão do agressor e da vítima que direcionou meu trabalho para uma reflexão relevante sobre a autorrepresentação. Passei a me retratar como vítima dos meus próprios instintos sombrios, se de algum modo me foi estipulado o rótulo de agressor, eu teria agora a liberdade de escolher minhas vítimas. E a vítima escolhida por mim foi o meu próprio corpo, como um alter ego que pudesse suportar toda a carga de ódio e de estranheza. Um vilipêndio ao meu cadáver.

A produção dos meus desenhos ficou mais dolorosa, muitas vezes sentia no corpo a resposta de se imaginar em situações criadas por uma força interior voraz e inexplicável. A memória dos meus medos e traumas vividos começaram a vir à tona, o subconsciente começou a depositar sobre os desenhos elementos que estão perdidos no meu íntimo, a compreensão sobre eles é demorada, mas no final sempre é esclarecido o porquê dessas emanações dentro do desenho.

Lágrimas, agonias e pesadelos são recorrentes no processo, lidar com isso tem sido uma situação dolorosa, mas existe a certeza de ser verdadeiro com aquilo que o desenho pode me mostrar e somente cabe a mim suportar o autoflagelo suicida. Aqui nasce o **Vilipêndio ao meu cadáver**, o quadrinho que tenho produzido a cerca de três anos.



*Figura 26 – Retratos da Desgraça- Autoria própria – 2013*



### 3.4- MEU CÂNCER

No início do ano de 2016, foi diagnosticado na minha mãe um câncer sem cura, um Mieloma múltiplo, a doença afeta os ossos desenvolvendo células doentes alterando a composição óssea, enfraquecendo-o de uma maneira brutal. Minha mãe em todos os estágios da sua vida se mostrou temerosa ao câncer e esse medo fatal parece que catalisou o desenvolvimento dessa situação.

Eu fui o primeiro a receber a notícia e não podia falar para ela o que estava acontecendo, devido as recomendações médicas, a descoberta deveria ser um processo e não um choque, para que à aceitação fosse tranquila e houvesse animo para o tratamento. Minha mente perdeu todo o rumo sobre essa circunstância, noites em claro e choros alimentavam o medo que tenho sobre a morte da minha mãe. Os dias pareciam uma eternidade e a jornada nos hospitais me massacravam, estava perdido em um deserto envolto por demônios internos que me fazia ter surtos de ódio e raiva. As pessoas em minha volta sofriam as consequências de minhas atitudes incontroladas. Precisava me acalmar para lidar com a situação e comecei a desenhar no momento em que estava nos hospitais. Presenciava cenas e histórias das pessoas que estavam ali, meu intuito era ajudar o máximo que eu pudesse e quem eu pudesse, muitas vezes um oi e um sorriso mudava a circunstância do ambiente.

Minha obsessão nas aulas de anatomia da Universidade serviu como recurso precioso para conversar com os médicos com propriedade sobre o que estava ocorrendo com minha mãe e como seria o seguimento do tratamento. Essa situação seguiu por mais de um semestre e minhas forças até hoje não foram recuperadas, ainda não acabou esse processo sobre minha vida. O desenho para mim tem sido um tratamento psicológico doloroso, muitas vezes me pego no desespero e me apego a única atividade que consegue libertar o mínimo dessa agonia: o desenho.

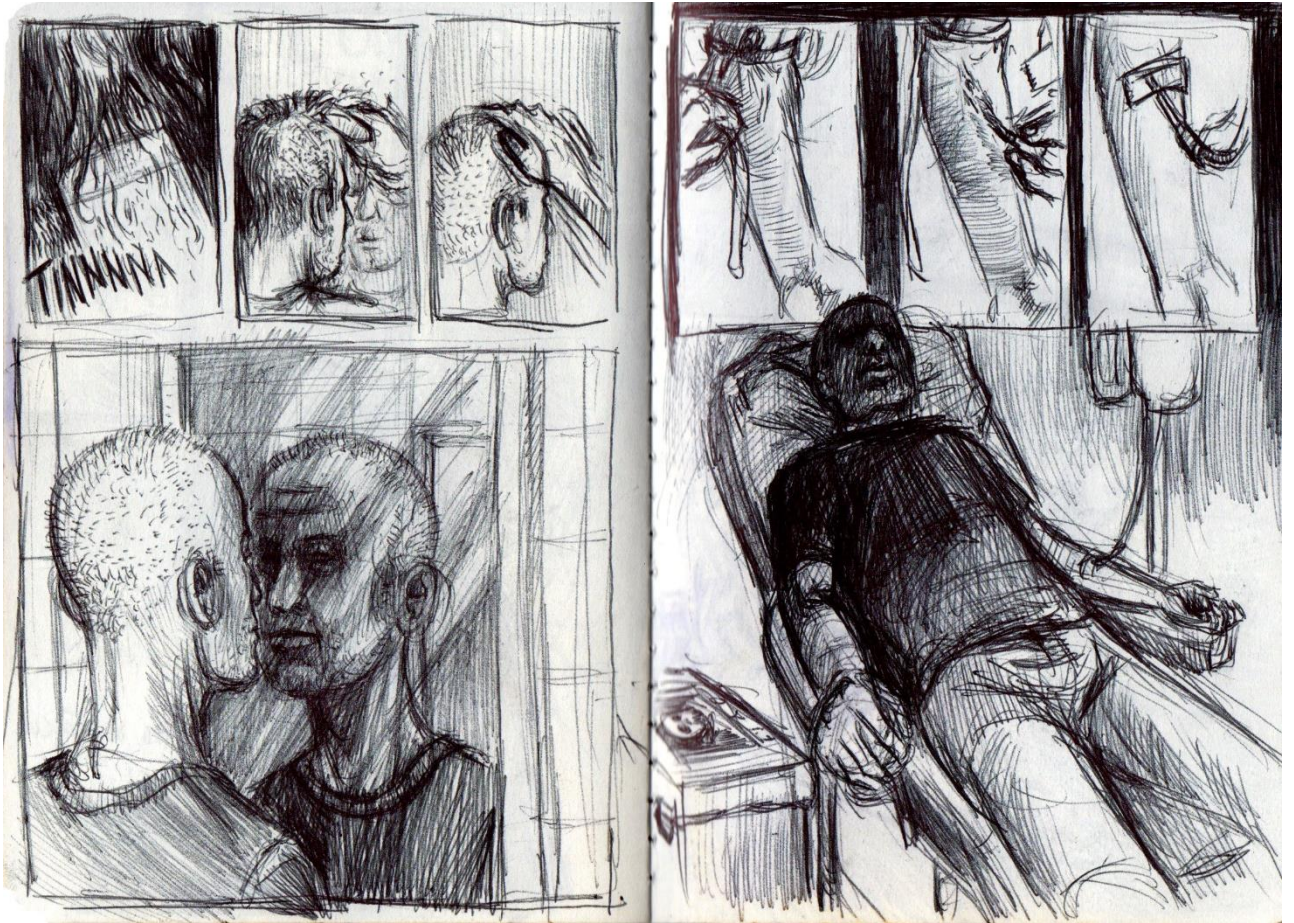


Figura 27 – Meu câncer- Autoria própria – 2016

Lidar com a enfermidade ou até mesmo a morte de um parente próximo é algo difícil em todas as instâncias. Nesse sentido, entendo que o desenho representa uma forma de lidar com dor, segundo Armando Bezerra (2006, p. 37)

Trinta e um anos depois do falecimento da mãe, Munch pinta *A Mãe Morta e a Criança* (1899). De um lado da cama estão os membros adultos e sua família, impotentes em face da morte; no primeiro plano diante da cama encontra-se Sophie, tapando os ouvidos com as mãos para não ouvir o grito do silencioso da morte chamando-a.

Esse trecho sobre a experiência de Edward Munch (1863 - 1944), demonstra que o tempo é único caminho para lidar com os fatos em relação a doença e a morte. Não entendo o processo que estou passando nesse momento, talvez daqui a trinta e um anos ou até mais eu terei uma resposta, ou não. Talvez um dia olharei para a situação que estou vivendo hoje e tenha algumas respostas.

O PRAZER CORRE PELO CORPO DO ESPECTRO NECRÓFILO, ATÉ SEU ESCROTO EXPELIR O SÊMEN DA LIBERTAÇÃO. É DERRAMADA A SEMENTE DO HOMEM NO SOLO REVESTIDO POR UM AZULEJO FRIO, ONDE OS ESPERMATOZOIDES GERADOS POR UMA CRIATURA DOENTIA, AGONIZARÃO PELA FALTA DE CONDIÇÃO EXISTENCIAL E DEFINHARÃO, EM NOSSA PRESENCIA.

O ALÍVIO EXPRESSADO PELO CANSAÇO DO CORPO, FAZ COM QUE SEU ÓRGÃO GENITAL MURCHE NA PRESENÇA DO MEU CADÁVER, O SEU OBJETO DE DESEJO MOMENTÂNEO.

COM A MENTE E O CORPO SACIADO O ESPECTRO SE RECOMPÕE RETOMANDO O SEU MODO SOCIAL. E COM UM SUSPIRO DE ALÍVIO SAI DA SALA DE NECROPSIA, PARA RETORNAR PARA SUA VIDA FAMILIAR, EM BUSCA DE ACALENTAR EM SEUS BRAÇOS SEUS FILHOS E ESPOSA, DEMONSTRANDO AO MUNDO O QUANTO É BONDOSO.

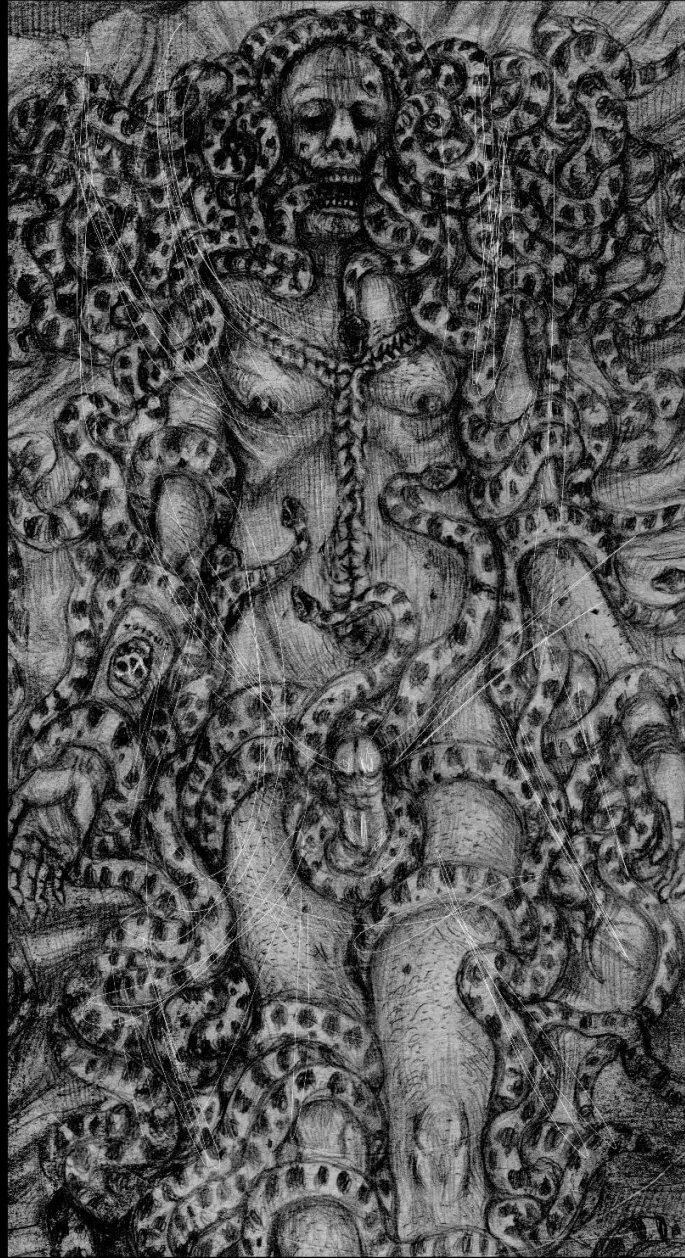
EIS O FIM DO TORMENTO? A MINHA CARCAÇA SE MANTERÁ EM SILÊNCIO, SEM DENUNCIAR A VERDADE. AS LUZES SE APAGAM, O ÚLTIMO RUÍDO É DA CHAVE TRANCANDO O CLAUSTRO QUE ME PRENDE. EIS O FINAL. E A ÚNICA COISA QUE ME RESTA É A ESCURIDÃO QUE PAIRA SOBRE A CAVERNA DO MEDO.



*Figura 28 – Dissecação 5 - Autoria própria – 2014*

Por fim esse capítulo aborda minha reflexão sobre meu processo de autoformação, apontando as situações que foram fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho, devido a esses fatos citados acima, cheguei nesse estágio de poder desenvolver um estudo monográfico a fim de esclarecer como o conhecimento pode transitar em vias diferentes da academia. Claro que me foram necessários os ensinamentos dentro da sala de aula. Porém a minha intensão, aqui foi refletir sobre como as vias marginalizadas me direcionaram a desenvolver minha carreira acadêmica e profissional no campo das Artes Plásticas.

# RESQUÍCIO



#### 4- NOTAS PARA COMPREENDER A SI MESMO

É estranho pensar que minha mente é sensível para perceber coisas bizarras que passam pelo meu caminho todos os dias. Os lugares remotos da cidade corroído pelo tempo, faces sujas e tristes que são rodeadas por calçadas com manchas de sangue, em virtude da agressão sofrida por moradores de rua. Ao mesmo tempo, esses moradores de rua que são agredidos ou agredem em busca de dinheiro para saciar seu desejo por um litro de tinner. Tudo isso para desfaçar a sensação de fome.

Lidar com essa curiosidade direcionada a ruína e sofrimento é um dilema diário. Que tipo de atração é essa que me faz absorver essa essência? Ao ver meu trabalho depois de algum tempo percebo que existe uma recorrência de elementos na minha cognição para formular imagens. Ao olhar para todo esse repertório de elementos que está a minha volta, percebo que posso extrair deles substrato para construir determinadas narrativas poéticas. A compreensão da minha mente talvez não seria a mesma se tivesse crescido em outro ambiente. Os fatos que vivo a cada dia é o combustível para fortificar a chama do grotesco em meus desenhos.

Percebo que essa atração pelo estranho, bizarro ou violento é algo comum ao paladar do homem. A busca por saciar esse desejo é comum a cada dia que passa, pois percebo que a dor e a desgraça é um elemento, que talvez, faça parte do desejo de todos. A relação com essa potência desconhecida, propõe sintomas estranhos sobre nossas mentes, estimulando a imaginação através dos medos latentes, em busca de supera-los em nossas vidas. Segundo Fred Bérence (1971. p, 15)

E aqui temos, graças ao que deixou escrito, os traços principais do carácter de Leonardo claramente definidos. Diante da escuridão da caverna, o desejo de saber, de observar e de atingir os confins do conhecimento sobrepõe-se ao medo do escuro, dos répteis, das emboscadas. Rastejando pelo chão húmido, desafiando o perigo, arriscando talvez a própria vida, dá-se inteiramente à aventura, confiado na águia que o guia e o protege, por que esse é seu destino

Nesse sentido, entendo que o meu “desejo de saber, de observar e de atingir os confins do conhecimento” foi o mergulho necessário para adentrar no terreno do medo, do doloroso caminho a ser seguido em busca de respostas para minhas questões particulares. Os trabalhos desenvolvidos nesse semestre demonstram uma relação intensa e profunda com sintomas internos do meu ser, que enfraquece gradualmente ao lidar com questões íntimas.

A dor proporcionada pelo processo de criação dessas imagens, me faz acreditar na veracidade delas. Para algo nascer é necessário um rompimento, causado pela dor do toque que rasga a camada que protege a ferida. Algo como sentir a agonia intensificada no momento do parto.

#### 4.1- PESADELOS

A seguir apresento uma série de desenhos, que nasceram de um relacionamento com meus diabos internos, impregnando minhas ações de fracasso nos períodos cruciais para minha vida. Foram momentos onde minhas raivas se excederam em expurgos de violência. A falta de controle e a pressão causada pelos diabos internos me condicionaram a destruir tudo que necessitava da minha atenção e cultivo. Todos esses trabalhos vieram de pesadelos e experiências noturnas nos momentos densos de solidão.

Meu desejo era somente esquecer tudo que causei ao meu redor, mas as coisas não funcionam com essa facilidade. A acusação dos demônios internos não me deixavam respirar, um bombardeio constante de acusações e culpa tomavam minha consciência, resultando em questões e insatisfações sobre meus próprios atos. No exato instante em que desenhei o primeiro pesadelo que tive, não sabia que essa sensação estranha continuaria a pulsar de maneira permanente. Desde então eles contaminaram minha mente com diversas imagens de repúdio sobre mim mesmo, demonstrando a relação dos meus medos e fraquezas sobre diversas situações vividas no meu cotidiano.

A relação com a serpente é recorrente em meus pesadelos. Esse animal que carrega em si uma casta simbólica significativa, mas, nesse momento, não pretendo adentrar na abordagem mística que esse animal transmite. Vou especificar minha compreensão pessoal sobre a representação desse elemento que está presente em meus desenhos. Vejo a serpente como uma expressão de sapiência, com costumes corriqueiros em seus movimentos, estratégias de caça e isso constrói uma relação de diálogo com minha personalidade. Nunca tive medo de cobras, mais já me deparei com algumas e talvez esse contato tenha significação íntima na minha mente. Eu vejo a cobra como uma representação simbólica da inteligência de Lúcifer, o ser que ensinou a mulher o caminho da instrução, e através desse contato a mulher traz ao

homem os ensinamentos sobre a liberdade. Assim os humanos rompem a submissão imposta pelos celestes sobre si, dentro dos ensinamentos populares cristãos.

Essa representação visual entre os humanos e ofídios é para mim um diálogo com meus extintos mais profundos. Orquestrados diabolicamente com atitudes repugnantes e frias, emanando culpa em diversas questões que transitam na minha mente. Vozes internas e vultos noturnos que contaminam a minha existência. Entendo que essas relações com diabos é algo recorrente a diversas pessoas. Segundo Todorov (2011, p,199) “Também é possível que o simples contato com o terreno sólido da compaixão tenha dado a Goya a coragem de partir para essa viagem perigosa que lhe devia permitir livra-se de seus demônios colocando-os nas paredes de sua casa.” Essa atitude de Goya de lidar com seus monstros íntimos é uma necessidade recorrente sobre muitos e comigo não foi diferente.

Muitos desses trabalhos ainda são misteriosos para mim, porque fazem parte de uma arqueologia particular da minha autoformação. Mas, percebo que conforme os desenhos aconteciam, eu passava a perceber que os elementos me traziam a memória dos fragmentos dos pesadelos ocorridos. A conversa entre os pesadelos e a realidade foi construída através da ponte do desenho, as coisas em minha volta se moldavam e mantinham uma relação com aquilo eu estava expurgado nos trabalhos. Esse fato me intrigou bastante, esse tipo de abertura sensível relacionada intimamente com meus dilemas particulares. É como se um ritual de exorcismo sobre essas castas do inferno interno fosse realizado no instante em que o lápis toca sobre o papel. Essa experiência com o lápis sobre o papel representa uma potência para expelir os habitantes internos.

Werner Hofmann tem razão ao sugerir que, por suas Pinturas Negras mas também por tudo o que em sua obra as prepara, Goya se tornou seu próprio exorcista. No lugar de padre munido de uma cruz, a proferir imprecações, vem o pintor armado unicamente com seus pincéis e lápis; em vez de exorcizar os outros, ele cura a si mesmo. O pintor “inventa e convoca os monstros e os demônios, transformando suas sombrias obsessões em imagens”; agora sabe que esses seres vêm das “profundezas ocultas do psiquismo individual”. (TODOROV. 2011, p. 202)

Assim como Goya colocou suas relações diabólicas sobre as paredes de sua casa através das “Pinturas negras”, eu expeli as minhas sobre páginas dos meus diários, onde o lápis orchestra representações dos momentos de rancor e agonia que causei. Estar sozinho foi e ainda é uma condição necessário para meu processo, essa



isolação me afasta dos ruídos criado através do contato com outras pessoas, pois pretendo manter a veracidade da minha concepção imagética.

Cada traço agressivo a marcar o suporte de modo rápido e com precisão se torna necessário, para que à essência do momento seja registrada verdadeiramente, sem interferência ou contaminação. Para Kayser (2013, p. 154), “evidentemente o lápis e o buril são meios técnicos com os quais é possível registrar de maneira mais rápida e imediata as visões”. Construo meu mundo onírico através do expurgo agressivo das relações internas, transbordando os meus medos, raivas, desejos, sexo e agonia existencial. Percebo que cada traço é um palmo da cova escavado em busca do repouso da minha carcaça.

Nesse sentido escrever sobre os resquícios deixados nesse processo de construção da minha subjetividade representou um desafio é tanto. Confesso que tanto o desenho quanto a escrita foram determinantes para pensar um trabalho que nasceu de forma orgânica. Percebo que esse capítulo representa um passo fundamental para a continuidade da minha vida acadêmica. Inclusive, pela possibilidade de repensar e ressignificar questões norteadoras para o meu processo autoformativo, onde novos elementos e perspectivas serão considerados, sobretudo pelo viés da formação como artista plástico.

A seguir apresento os trabalhos mencionados anteriormente.



*Figura 29 – Pesadelos – Seus olhos são cegos, mas podem ver - Autoria própria – 2017*



Figura 30 –Pesadelos – Lembro da tristeza em seu olhar ao se despedir do mar- Autoria própria – 2017



Figura 31 – Pesadelos -Silêncio. Minhas falhas são suas Feridas- Autoria própria – 2017

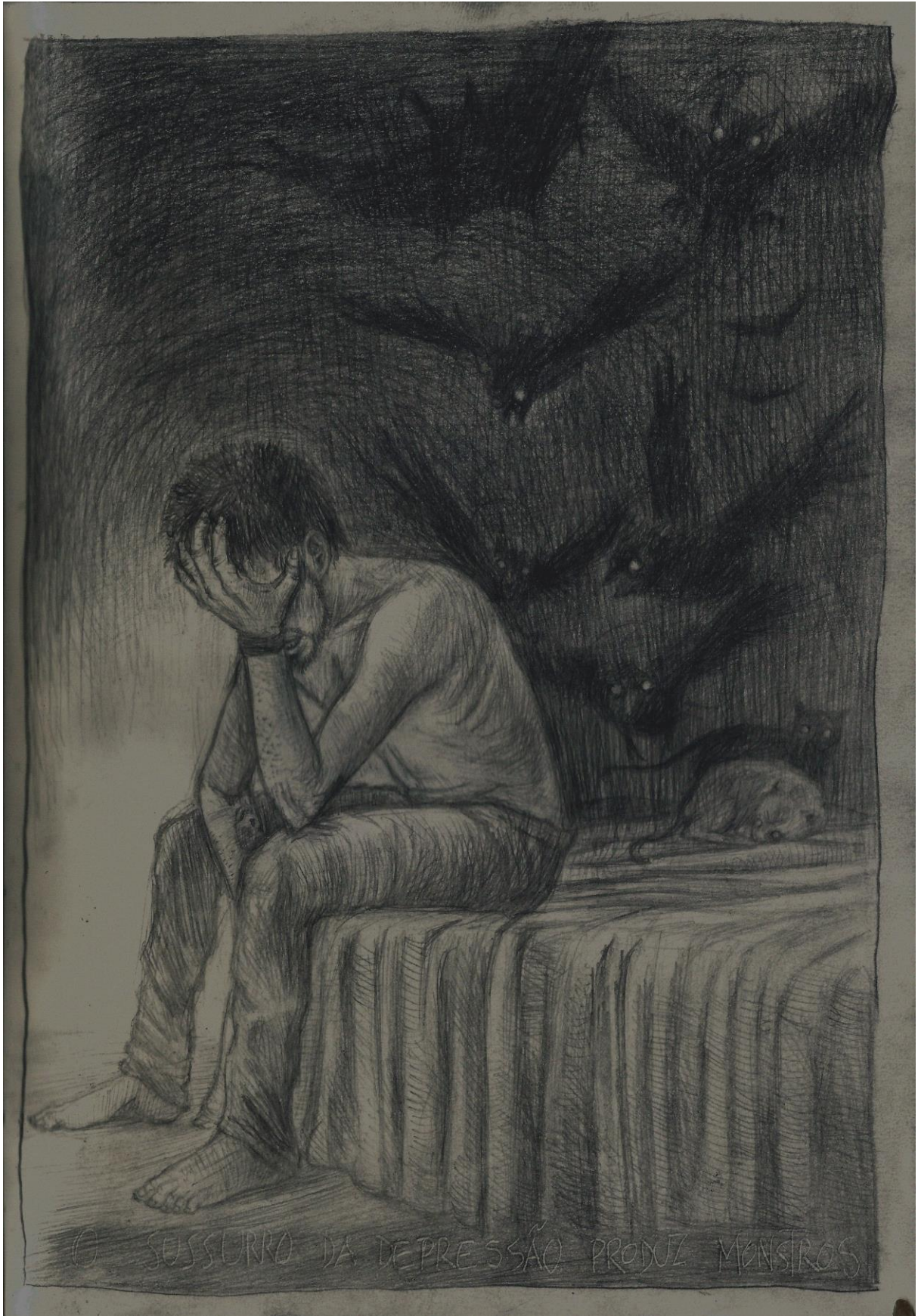


Figura 32 – Pesadelos - O sussurro da depressão produz monstros- Autoria própria – 2017



Figura 33 – Pesadelos – A Questão- Autoria própria – 2017



Figura 34 – Pesadelos – Eu e vc, vc e eu- Autoria própria – 2017



Figura 35 – Pesadelos – Gatos e o Azar - Autoria própria – 2017





Figura 36 – Pesadelos – Possessão do medo - Autoria própria – 2017



*Figura 37 – Pesadelos – Ritual as três horas da manhã - Autoria própria – 2017*



Figura 38 – Pesadelos – Bruxa das Cobras - Autoria própria – 2017



*Figura 39 – O Bruxo e as Cobras - Autoria própria – 2017*



Figura 40 – Pesadelos – A trepa - Autoria própria – 2017



Figura 41 – Brigas na rua, brigas no bar. To bebendo e fumando vendo minha vida acabar- Autoria própria –  
2017



Figura 42 – Agonia prelúdio do estupro- Autoria própria – 2017



Figura 43 – Pesadelos – O estupro - Autoria própria – 2017





Figura 44 – Pesadelos – Funeral de Serpentes - Autoria própria – 2017

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa representou um degrau fundamental para a compreensão da minha caminhada acadêmica. Levou-me a refletir e explanar sobre os episódios que foram cruciais para o desenvolvimento da minha autoformação, tanto na perspectiva técnica do desenho como no caminho de uma poética pessoal. Possibilitou também, investigar através de narrativas pessoais como o desenho foi a base essencial para meu desenvolvimento acadêmico.

Esclareço que o entendimento sobre as concepções do termo grotesco e suas transformações, tornou possível pensar sobre a importância desse conceito para o desenvolvimento do meu trabalho artístico, inclusive, como caminho para relacionar minha produção com os elementos do meu cotidiano, dando importância nas nuances da minha caminhada, desde episódios da minha infância até o ingresso no curso de Artes Plásticas.

O processo investigativo nessa pesquisa, me mostrou a importância das experiências no âmbito informal da educação e o quanto ele foi eficaz para o desenvolvimento da minha formação social e acadêmica. Após o desenvolvimento dessa pesquisa passei a refletir como a arte é representada no ambiente acadêmico formal e quão deficiente ela tem se apresentado. A questão da falta de profissionais qualificados no campo da licenciatura não é um problema recente. Ao olhar para meu passado vejo como eram despreparados os meus professores do ensino fundamental e médio, sobretudo, ao lidar com determinadas técnicas e procedimentos poéticas no contexto das Artes Plásticas.

A negligência, por vezes, causada pelos profissionais de educação nas escolas que passei, me foi suprida pela vivência e o contato com pessoas que me ajudaram a desenvolver meu potencial artístico como sujeito. Percebi o quanto foi necessário se voltar novamente para o ambiente escolar e refletir sobre o desenvolvimento do ensino das artes. Considerando uma perspectiva em que o aluno possa vivenciar experiências artísticas que lhe faça compreender melhor sua posição como sujeito crítico e subjetivo. Muitas vezes os professores de artes são professores de outras disciplinas que estão ali para preencher o espaço vago.

O desenvolvimento dos desenhos que foram apresentados no capítulo acerca dos resquícios, representou um mecanismo de concentração necessário para o

desenvolvimento dessa pesquisa. Esses desenhos são o resultado de uma pressão do momento da minha vida atual, envolvendo questões de ordem acadêmica e social. Acredito que, ao pensar sobre o que compreendeu o meu processo de autoformação, assim como, minhas lembranças da época de infância e outros acontecimentos decisivos na minha trajetória de vida, também reflito sobre a intrínseca relação que envolve a minha produção artística e o contexto teórico. Nesse sentido, reitero que a experiência teórica me fez compreender com mais exatidão o processo poético, sobretudo, quando percebo que o aprendizado e a formação não é algo restrito, delimitado pelo muro de uma escola ou universidade. Ao contrário, entendo que tanto o aprendizado quanto à formação apresenta para o sujeito um viés ampliado, principalmente, quando consideramos todas as possibilidades e caminhos de um processo de autoformação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELGA, Eduardo Lustosa. *Vórtice do Grotesco*. Brasília: Programa de Pós-graduação em Arte, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, 2011.

BÉRENCE, Fred. *Leonardo da Vinci*. Tradução Fernando Melro. São Paulo: Ed. Verbo

BEZERRA, Armando J.C. *As Belas Artes da Medicina*. Brasília: Conselho Regional de Medicina do DF, 2006

CASOY, Ilana. *Serial Killers, louco ou cruel?*. São Paulo: Ed WVC, 2004.

CHARLES, Victoria. *GOYA*. São Paulo: Ed Perfect Square, 2011.

CHAUVEAU, Sophie. *Leonardo da Vinci*. Porto Alegre: Ed L&PM, 2010.

COALE, Sam. *Os Sistemas e o Indivíduo: Monstros Existem*. In: JEHA, Julio. (Orgs.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2002.

JEHA, Julio. (Orgs.). *Monstros e monstruosidades na literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007

KAYSER, Wolfgang. *O Grotesco*. São Paulo: Ed. Paralela, 2003.

MARQUES, Lucas. Do aprendizado às imagens: Autobiografia verbo-visual como narrativa de experiências. Brasília: Instituto de Artes, Universidade de Brasília, 2015

TODOROV, Tzvetan. Goya à sombra das luzes. Tradução Joana Angélica d'Avila Melo. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

# ANEXOS

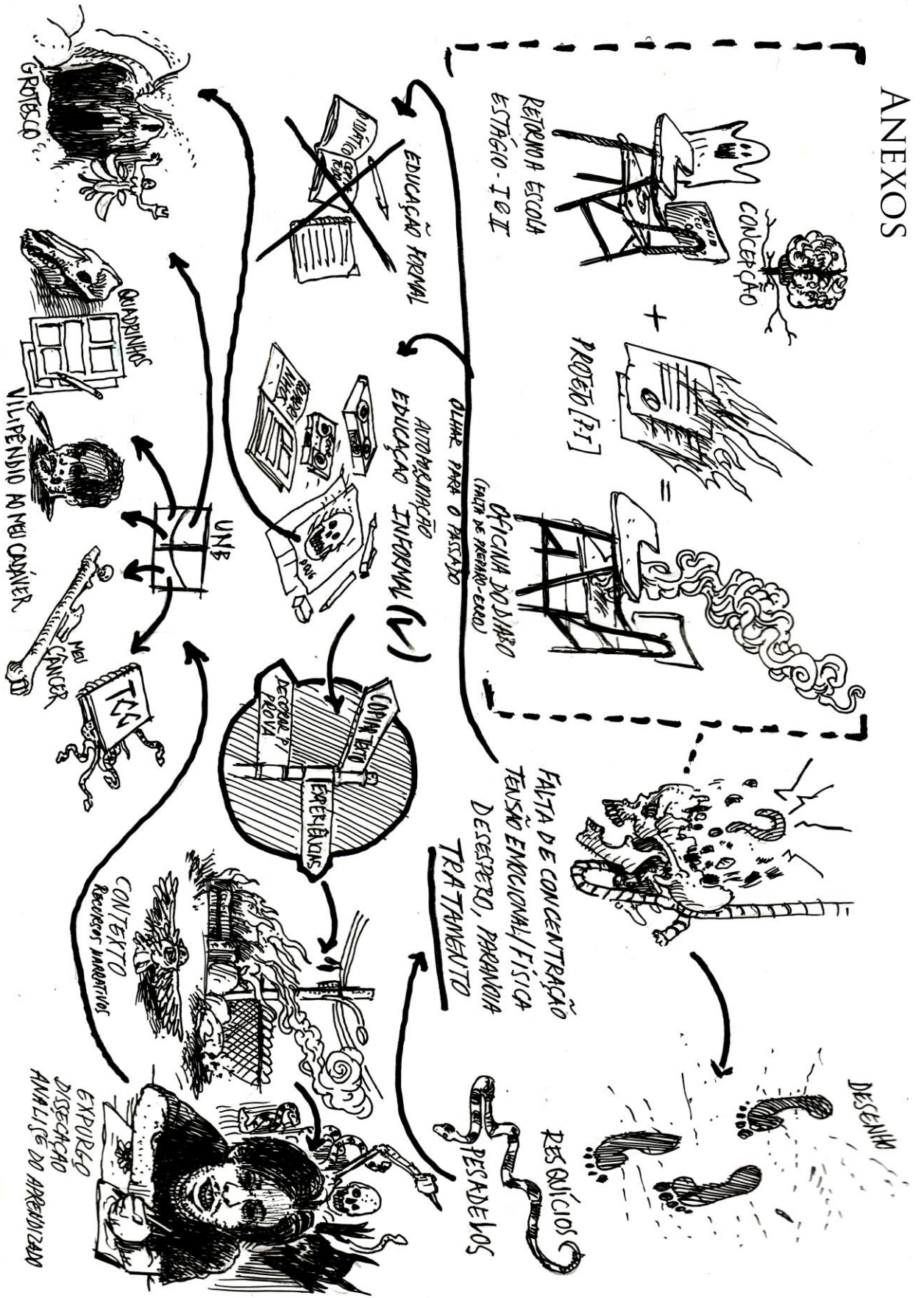


Figura 45 – Mapa Conceitual. Usando apresentação da pesquisa – Autoria própria – 2017